



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

CUÍCA:
UM PODCAST SOBRE O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS SAMBISTAS
NO DISTRITO FEDERAL

MARIA LUÍSA DA SILVA DIAS

Brasília
2023



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

CUÍCA:

**UM PODCAST SOBRE O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS SAMBISTAS
NO DISTRITO FEDERAL**

MARIA LUÍSA DA SILVA DIAS

Projeto Final apresentado ao curso de Graduação em Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social. Orientadora: Prof. Dra. Gisele Pimenta de Oliveira

Brasília
2023

Maria Luísa da Silva Dias

CUÍCA:

**UM PODCAST SOBRE O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS SAMBISTAS
NO DISTRITO FEDERAL**

Brasília, 13 de julho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Gisele Pimenta de Oliveira | UnB
Orientadora - Presidente da Banca

Prof. Dra. Elen Cristina Geraldes | UnB
Examinador

Prof. Dra. Kelly Tatiane Quirino | UnB
Examinador

Prof. Maiara Dourado | UnB
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, por todo o incentivo, cuidado, compreensão, apoio, carinho e amor durante toda esta trajetória. Débora Raquel, a senhora é a minha maior inspiração! Sem você, nada disso seria possível.

Um agradecimento especial à Anna, Clarissa e Laura, que estiveram comigo do início ao fim, vivendo ao meu lado todas as experiências que a UnB pôde nos proporcionar. Vocês sabem o tanto que representam para mim e o tanto que vocês são especiais para a minha graduação. Obrigada por tudo, quarteto.

Em seguida, não poderia deixar de agradecer à Facto Agência, Empresa Júnior de Comunicação da UnB e a todos os membros que compartilharam comigo essa experiência empreendedora, por tanto aprendizado, confiança e desenvolvimento pessoal. Assim que eu entrei na UnB, eu pude realizar o processo seletivo para a EJ e fui aprovada logo no primeiro semestre. Digo com toda certeza que a Facto foi uma das melhores experiências que tive durante a minha graduação. Gostaria também de agradecer em especial à Ana Laura, Karine e Lua que me puxaram para fazer parte da melhor Equipe de Relacionamento. Nós fizemos história, meninas.

Aos meus amigos de universidade e de vida: Karol, Torres, Martins, Jeka, Bruno, Jovi e Belela, com quem compartilhei momentos de alegria e de ajuda. Vocês foram muito importantes nesse processo.

Também não posso deixar de agradecer à Ane Êoketu e à Fernanda Jacob, por toparem participar de um projeto tão especial para mim, como o nascimento da *Cuíca*.

Por fim, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Prof. Dra. Gisele Pimenta de Oliveira, por me receber de uma forma tão acolhedora em um dos momentos mais desafiadores de toda a graduação. Também agradeço a todos os servidores, técnicos e professores que participaram da minha graduação e são tão importantes quanto meus amigos e familiares.

“Eu entendi o que era rezar cantando samba. É onde me comunico com as minhas divindades, é onde eu me comunico com os meus guias. Pra mim, o samba é uma forma de me ligar com esse divino”

Fernanda Jacob

RESUMO

O presente projeto sintetiza o processo de criação dos primeiros episódios da *Cuíca: um podcast sobre o protagonismo de mulheres negras sambistas no Distrito Federal*. Assim, este trabalho registra o passo a passo da criação à finalização do *podcast*, cujo objetivo é servir como um canal de comunicação entre o público feminino amante das rodas de samba da capital federal e como um meio de compartilhar histórias, projetos e narrativas dessas cantoras, compositoras, produtoras e musicistas que fazem parte do universo do samba no Distrito Federal por meio de suas narrativas. A produção justifica-se pela necessidade de criar um espaço seguro para manifestações e diálogos produzidos por mulheres negras. Para contextualizar e criar o espaço sonoro que liga as artistas ao universo do samba, a *Cuíca* contará histórias por meio de entrevistas com os mais representativos nomes do samba da cena cultural de Brasília.

Palavras-chave: *Podcast*, Samba, Mulheres Negras, Rodas de Samba DF.

ABSTRACT

This project synthesizes the process of creating the initial episodes of *Cuíca*, a podcast focusing on the empowerment of black women samba musicians in the Federal District. The work documents the step-by-step creation and finalization of the podcast, which aims to serve as a communication channel for female samba enthusiasts in the capital city. It also seeks to share the stories, projects and narratives of these singers, composers, producers and musicians who contribute to the samba universe in the Federal District through their own perspectives. The production is justified by the need to create a safe space for expressions and dialogues produced by black women. To contextualize and establish the sonic environment connecting the artists to the samba universe, *Cuíca* will tell stories through interviews with prominent figures from the samba scene in Brasília.

Keywords: Podcast, Samba, Black Women, Rodas de Samba DF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tia Eulália no Morro da Serrinha	19
Figura 2: Dona Ivone Lara	20
Figura 3: Fundação da Aruc, 1961	21
Figura 4: Foto de Tia Ciata	23
Figura 5: Capa - MIV	48
Figura 6: Apresentação do podcast - MIV	48
Figura 7: Explicação do logotipo - MIV	49
Figura 8: Versões em preto e branco do logotipo - MIV	49
Figura 9: Explicação tipografia - MIV	50
Figura 10: Explicação das cores - MIV	50
Figura 11: Explicação da textura - MIV	51
Figura 12: Primeiras postagens do Instagram	51
Figura 13: Moodboard - MIV	52
Figura 14: Interface plataforma Spotify for Podcasters - Anchor	52
Figura 15: Interface plataforma Spotify for Podcasters - Anchor	53
Figura 16: Interface da plataforma Spotify	53
Figura 17: Interface do Instagram	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Personas do programa	42
Quadro 2: Cronograma	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. TEMA E OBJETO DE COBERTURA	12
3. JUSTIFICATIVA	13
4. OBJETIVOS	17
4.1 - Objetivo geral	17
4.2 - Objetivos específicos	17
5. DIAGNÓSTICO	18
5.1 - Contextos das mulheres e do samba no Brasil e no Distrito Federal	18
5.2 - A figura feminina no samba	23
5.3 - As mulheres do samba no Distrito Federal	26
6. ANTECEDENTES	27
7. REFERENCIAL TEÓRICO	30
7.1 O podcast e a ressignificação do consumo dessa mídia	30
7.2 Ocupação digital feminista	33
7.3 Feminismo negro e podcast	36
7.4 O podcast como ferramenta de resistência para mulheres negras	38
8. ETAPAS DE PRODUÇÃO	40
8.1 Pré-produção	40
8.1.1 Definição do tema e objeto	40
8.1.2 Pesquisa do tema	41
8.1.3 Definição do público focal	41
8.1.4 Escolha do nome	43
8.1.5 Escolha do formato	43
8.1.6 Duração e periodicidade	44
8.1.7 Estruturação das rotinas de produção	44
8.2 Produção	45
8.2.1 Definição da pauta e pesquisa sobre a pauta	45
8.2.2 Definição das entrevistas e das entrevistadas	46
8.2.3 Escolha de elementos de sonoplastia	46
8.2.4 Elaboração do roteiro	46
8.2.5 Testes e viabilidade dos recursos técnicos	47
8.2.6 Identidade Visual	47
8.3 Pós-produção	55
8.3.1 Edição	55
8.3.2 Sonorização	55
8.3.3 Acessibilidade	55
8.3.4 Publicação e distribuição	55
9. EPISÓDIOS	57
9.1 Temas, estruturas e proposta de episódios	57

10. CRONOGRAMA	57
11. OBJETIVOS ALCANÇADOS	58
12. REFERÊNCIAS	61
13. ANEXOS	69

1. INTRODUÇÃO

Este memorial é um registro do processo de pesquisa, criação e execução da *Cuíca: um podcast sobre o protagonismo de mulheres negras sambistas no Distrito Federal*¹. Como mulher negra e admiradora das rodas de samba da cidade de Brasília, o programa foi idealizado com o objetivo de dividir o espaço do *podcast* com mulheres negras sambistas, presentes na cena local. A série fala sobre as trajetórias de suas vidas, seus sonhos e desafios, a importância do samba para a produção de sua arte e sobre esse sentimento de representar, nos palcos, várias mulheres que já passaram pela história do samba. Em resumo, é um lugar para falarmos sobre vida, identidade, ancestralidade e o que mais surgir durante o bate-papo com cada convidada. Ao criar um espaço para compartilhar sobre a vivência de mulheres negras no samba do DF, espero ainda inspirar outras mulheres negras – de dentro e de fora do universo do samba – a ocupar os espaços públicos e de poder, fortalecendo-se mutuamente nessa força coletiva de quem já está na caminhada (ou na luta) há mais tempo.

A proposta da *Cuíca* é realizar uma primeira temporada com os grandes nomes da nova geração de sambistas no âmbito de Brasília. Neste trabalho, apresento os dois primeiros episódios que contarão um pouco sobre a minha relação com o samba, mas sobretudo das mulheres que já pude ter contato, ao vê-las performar em alguma roda de samba da cidade. O que se busca é criar um espaço de encontros pretos e femininos a partir de um dos maiores símbolos de resistência da cultura negra: o samba.

Desta forma, o tema deste projeto é o protagonismo de mulheres negras sambistas no Distrito Federal e a influência de seus projetos autorais voltados para a cena local brasiliense. O *podcast*, então, toma como objeto de estudo essas mulheres negras. Além da novidade, justifico a escolha do tema e do objeto por uma questão pessoal, sou uma mulher negra brasiliense que nasceu escutando samba no quintal de casa e enxergo a importância dessas rodas de samba da cultura brasiliense mas principalmente a presença de mulheres negras fazendo samba. Ao observar outros *podcasts* que levam a temática do samba, a questão racial e o estudo sobre ancestralidade, o objetivo é criar um produto comunicativo atual que seja um espaço seguro, contribuindo para a humanização de mulheres negras e para a construção de uma visão múltipla sobre a identidade feminina presente no campo da música.

O presente trabalho está dividido em treze etapas. A primeira delas é um diagnóstico com a contextualização histórica e os conceitos básicos que foram utilizados na produção

¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5Ztd9HSODXqO7IPQp7cBA0?si=a39dd23857054e0b> e <https://www.instagram.com/cuica.podcast/>

deste *podcast*. Logo depois, trago a explicação do tema, a definição do objeto de cobertura, a trajetória dessas mulheres e a justificativa por trás dessas escolhas. Em seguida, abordo os antecedentes e o referencial teórico que fundamentaram a elaboração e a execução do produto, bem como a sua qualidade enquanto ferramenta comunicativa. No fim, são detalhadas as etapas de produção, passando pela definição do público e pela pós-produção do material, que contempla a edição dos episódios, sua publicação e sua divulgação.

2. TEMA E OBJETO DE COBERTURA

O presente projeto toma como objeto de cobertura a trajetória de mulheres negras sambistas que fazem parte da capital federal. O enfoque da *Cuíca* é apresentá-las por meio de seus projetos, desafios, sonhos e processos que passaram ao longo de suas vidas.

Por ser uma mulher negra e ter o samba como uma grande paixão, escolhi trazer figuras femininas que fazem parte da cena local de Brasília, que de alguma forma me tocaram de uma maneira especial através dos palcos.

No trabalho, busco entender um pouco melhor da trajetória dessas mulheres que fazem parte da cena cultural do DF, mas também analisar o fato delas se utilizarem da música como uma ferramenta que busca empoderar e estimular seus protagonismos e suas autonomias, a fim de sobreviver e resistir nesse mundo marcado por exclusão e violência. Dessa forma, convidei duas figuras, com quem já tive a oportunidade de vê-las performando nos palcos, para participarem da gravação do *podcast*. Escolhi Ane Êoketu e Fernanda Jacob para criarmos um espaço seguro no qual as meninas compartilhassem um pouco melhor de suas histórias: como tudo aconteceu, o que elas passaram para chegar até aqui e a construção de suas trajetórias e produções na música e na arte.

O foco maior do projeto é conseguir retratar esse protagonismo feminino negro de mulheres que fazem parte do samba em Brasília, mas também contar um pouco melhor sobre as suas estratégias de sobrevivência e de luta, em um cenário no qual ainda há um racismo patriarcal muito forte.

3. JUSTIFICATIVA

O samba é um símbolo de resistência da cultura negra no Brasil, carregado de ancestralidade e extremamente rico de significados. Esse gênero musical me acompanha desde que eu me conheço por gente. Eu nasci em uma família de pessoas pretas, que até hoje se encontram quinzenalmente no domingo para escutar os grandes clássicos desse gênero musical no quintal da casa da minha tia. Toda vez que eu vejo a minha família cantar, eu sinto como se fosse um “canto de sobrevivência”, assim como os nossos ancestrais faziam. Eu acredito que essa relação do sujeito com as divindades, no quesito espiritual e religioso, através de um canto de resistência, vem muito na tentativa de curar uma ferida, mas também de estar presente em um espaço de resistência, de bem-viver coletivo e de preservação da memória.

E a partir do momento que eu tenho contato com as rodas de samba da cidade, a minha relação com esse gênero musical fica cada vez mais forte. Quando eu vejo mulheres negras, assim como eu, em cima de um palco, performando, cantando, tocando e se emocionando com toda força, transformação e resistência, automaticamente gera um sentimento de identificação e representatividade – sobretudo num espaço tão marcado pela presença masculina. Ver outra mulher preta usando da sua arte como agente de transformação é muito importante e simbólico.

Aqui, surge o primeiro ponto de justificativa deste trabalho: o samba me acompanha desde pequena e quando eu comecei a frequentar as rodas de samba da cidade vi mulheres no vocal, na percussão e na produção. Aquilo me deixou inspirada e com vontade de querer mais. Por isso, surgiu essa necessidade de querer estar perto delas, a fim de entender melhor as suas histórias, de onde elas vieram, quais foram seus maiores desafios e o que elas almejam enquanto sujeitas desse universo da indústria cultural. E usar desse espaço, também, para que outras mulheres se sintam inspiradas a começarem suas carreiras no samba ou conseguirem tocar algum projeto autoral que ainda não saiu do papel.

Essa vontade de querer estar perto dessas figuras começou no ano passado, em 2022, quando eu pude ver Ane Êoketu cantar pela primeira vez, no Samba da Tia Zélia – um bar e restaurante localizado na Vila Planalto, região próxima ao Congresso Nacional. Eu nunca vou esquecer a sensação de ver uma mulher preta cantando bem no centro de uma roda de samba e estar rodeada de outras mulheres que a acompanhavam nas melodias. Naquela época, um momento antes das eleições presidenciais, parecia que a Ane cantava como se fosse um grito

pela democracia. Para mim, aquela cena funcionou como se fosse uma oração, um momento sagrado regido por uma figura feminina preta.

Por essa proximidade com o tema, escolhi o formato de entrevista no *podcast*, visto que a ideia principal foi trazer mais uma conversa para dentro da roda, criar algo que fosse dinâmico. Mas também algo que fosse voltado para a construção de narrativas atreladas à subjetividade ancestral e enraizada. A opção por esse tipo de formato permite que os episódios sejam mais dinâmicos e variados, a fim de trazer as convidadas para movimentarem o programa e trazer mais de uma voz para o contato com o público, evitando monólogos monótonos. Desde o *boom* dos podcasts, o áudio se transformou em uma espécie de “queridinho” das mídias, e parece que o público recuperou a curiosidade pelo modelo de criação de conteúdo sonoro. Por meio da entrevista, é possível manter o engajamento dos ouvintes, bem como criar um ambiente de escuta e de troca entre entrevistadora, entrevistada e público. Outro lado positivo em relação ao engajamento é conseguir alcançar facilmente o público-base da entrevistada, pois os fãs tendem a acompanhar o podcast para ouvir o que o ídolo tem a dizer. E foi justamente o ponto mais interessante a se trabalhar em relação a *Cuíca*, visto que as meninas possuem uma presença muito forte no universo do samba em Brasília, por isso seria interessante criar algo que também fosse importante para seus fãs e admiradores.

Ao longo de toda a minha graduação, eu sempre me questionava sobre qual tema eu iria escolher para desenvolver no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Eu sabia que queria trabalhar com algum tema voltado para a figura da mulher negra, usando da sua subjetividade e da arte para se posicionar e estar presente nos lugares. Foi então que eu tive a ideia de falar sobre algo extremamente forte nas minhas raízes como o samba, e nada mais justo de falar com quem começou todo esse trabalho acontecer: mulheres negras.

A *Cuíca* foi pensada para ser um *podcast* em que possamos criar um espaço de experiência a partir de uma escuta imersiva (VIANA, 2021) por meio das entrevistas. Ser um ambiente em que falamos das nossas vulnerabilidades, compartilhamos experiências pessoais e desmistificamos a ideia de que nós mulheres temos as respostas e sabemos de tudo.

Em relação ao cenário do samba na capital, é perceptível ver um crescimento, principalmente de rodas de samba, nos últimos anos. Mesmo quem não mora em Brasília, pode conhecer a cidade como a capital do rock pela projeção nacional de grupos brasilienses, como Turma da Colina, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial, Raimundos e Legião Urbana, que marcaram a música nacional. No entanto, com o passar dos anos, a essência musical de

Brasília foi se transformando, e gêneros musicais como o samba e o choro mostraram sua força.

Importante ressaltar também que o samba sempre esteve presente em Brasília. Em entrevista à Agência Brasília (2023), a subsecretária de Difusão de Diversidade Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec), Sol Montes, conta que, desde a construção de Brasília, as primeiras manifestações culturais foram desse gênero musical. “Há registros históricos de que o aniversário de JK (Juscelino Kubitschek) foi uma roda de samba. Muita gente veio do Rio de Janeiro para cá nessa época e o samba se espalhou pela cidade”, explica. A subsecretária revela que, hoje, mais da metade das regiões administrativas têm rodas de samba que surgiram de maneira espontânea, a partir de um banquinho, improvisação e público reunido. De acordo com Sol, essa característica da democratização é o que difere o samba do rock. “O samba é popular. Ele surge em qualquer lugar. É acessível.”

Além do aumento das rodas de samba e de choro, também já é possível perceber novas tendências no cenário cultural brasiliense. Entre elas, a presença feminina nas rodas. “As mulheres têm tomado conta do samba. Se organizando em grupos e aparecendo muito mais nas rodas”, define a subsecretária Sol Montes. (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2023).

Para produzir um *podcast* sobre o protagonismo de mulheres negras sambistas no DF, é imprescindível falar sobre essa relação do samba além do gênero musical. “O samba vem não só como um estilo musical, uma tendência artística, mas também como um sentimento - algo que está na alma da gente, algo que fala, que precisa ser dito, pelo ventre materno, pela garganta feminina.” (CASTRO, 2013). Foi assim que a cantora Mariene de Castro descreveu sua relação com o samba no que diz respeito às mulheres negras sambistas. Não tem como falar de samba sem falar sobre a importância da figura feminina. Por isso, o *podcast* precisava necessariamente trazer essas vozes para que pudessemos criar essa imersão cultural e sonora com o público que nos escutará.

A escolha do *podcast* como ferramenta de divulgação e de produção se justifica pelo seu grande crescimento nos últimos anos. Desde o início da criação do trabalho, a ideia foi produzir um espaço para que pudessemos compartilhar vivências através de uma conversa e que esse produto pudesse chegar a outras pessoas, principalmente a outras mulheres pretas que também fazem parte do universo do samba. Além disso, a escolha desse formato também está atrelada a liberdade criativa para falar sobre uma grande paixão minha, o samba. A linguagem radiofônica, por exemplo, herdada pelos podcasts, permite essa aproximação com o ouvinte e suas subjetividades e dão mais dinamicidade ao processo.

O Brasil ocupa a 5ª posição no mundo em produção de podcasts, ou seja, somos ouvintes assíduos e produtores de conteúdo nesse formato. De acordo com Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD) e *Interactive Advertising Bureau* (IAB), o Brasil é o 3º país do mundo em consumo desse formato, ficando atrás apenas da Irlanda e Suécia (ABPOD, 2020). No entanto, a *PodPesquisa Produtor 2020/2021*, divulgada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD), revela que apenas 23,3% dos podcasts são produzidos por mulheres. Aline Hack, pesquisadora e apresentadora do *podcast Olhares*, afirma:

As mulheres tendem a procurar produções de mulheres - ou com mulheres no microfone ou com convidadas mulheres dentro dos programas. Então, quanto mais mulheres produzindo, mais mulheres escutando nós teremos. É uma relação proporcional. (HACK, 2019).

4. OBJETIVOS

4.1 - *Objetivo geral*

Produzir um podcast que tenha como enfoque a história de cantoras, compositoras, produtoras e musicistas negras que fazem parte do universo do samba no Distrito Federal.

4.2 - *Objetivos específicos:*

- Fazer a conexão entre o samba e a figura feminina negra, ao falar sobre a história do gênero musical no Brasil.
- Construir um breve panorama histórico das mulheres no samba no Brasil
- Evidenciar o protagonismo de mulheres sambistas no Distrito Federal, por meio dos relatos de suas histórias e trajetórias
- Valorizar as mulheres do samba, resgatando seu papel de destaque e resistência, historicamente construído por elas, e evidenciando que elas fizeram (e fazem) parte dessa história.
- Criar um produto que contribua para a humanização de mulheres negras e para a construção de uma visão múltipla acerca de suas narrativas e subjetividades.

5. DIAGNÓSTICO

5.1 - Contextos das mulheres e do samba no Brasil e no Distrito Federal

Falar de samba é falar de raiz, é falar de pertencimento, é falar de ancestralidade. Considerado patrimônio cultural do Brasil, o samba é um gênero musical símbolo de resistência da cultura negra. O ritmo foi disseminado na segunda década do século XX e, em 1916, já tínhamos o registro do primeiro samba gravado. De acordo com os estudos do músico Carlos Sandroni (2001), a palavra samba era um termo presente em diferentes partes das Américas, como Argentina, Cuba e Brasil, particularizando modalidades diferentes de produção sonora e de dança que tinham em comum a origem africana e o ritmo marcado.

No Brasil, com a vinda das tias baianas para o Rio de Janeiro, o samba ganhou o acolhimento que precisava para sair da marginalidade. O período pós-abolicionista marcou a forte perseguição de quaisquer sonoridades, sotaques, danças e religiosidades afro-brasileiras, que visavam manter tradições que as elites político-econômicas brasileiras queriam tanto apagar. Nesse contexto, a importância das mulheres negras foi fundamental, porque além de manterem economicamente suas famílias, pois continuaram a trabalhar como empregadas domésticas nas casas grandes, foram essenciais para a resistência do samba. No Rio de Janeiro, Tia Ciata, que hoje seria comumente conhecida como mãe de santo, se destaca como memória coletiva. Na sua casa acontecia o samba que era proibido, onde nomes como Pixinguinha, Sinhô e tantos outros se conheceram e puderam compor. (MOURA, 1995).

As mulheres e a religiosidade afro-brasileira andaram de mãos dadas para que o samba conseguisse resistir naquela época. As rodas aconteciam dentro dos terreiros das casas das tias baianas, cujo símbolo ficou marcada pelo nome de Hilária Batista de Almeida, mais conhecida como Tia Ciata, no espaço privado e escondido, que o samba podia acontecer. Não à toa, a valorização da ala das baianas nas escolas de samba é uma forma de homenagear não apenas Tia Ciata, mas a memória de todas as tias baianas do samba.

Na década de 1930, o samba conquistou espaço na indústria fonográfica brasileira e passou a ser reproduzido nas rádios, sendo enxergado cada vez mais como opção de lazer pela população. A popularização do samba e o espaço que esse gênero ganhou nas rádios também foram explorados por Getúlio Vargas para promover a construção da identidade e nacionalidade brasileira naquela década. Oliveira (2019) reforça que, a partir da década de 1930, com Vargas na presidência, o samba começou a se expandir e a ser visto como cultura popular, ganhando ampla visibilidade. A autora explica, então, que o movimento de

popularização do samba nos permite entender o momento em que os homens passam a assumir o “protagonismo” público do estilo musical.

O samba, assim que saiu do privado onde se mantinha como resistência e foi para o âmbito público como símbolo nacional, as mulheres passaram a ter menos participação nesse processo, por causa de todo aparato machista da época, em que rua não era lugar de mulher, dentre outras questões. Daí começa a predominância masculina nos espaços de samba. (OLIVEIRA, 2019, p. 1).

Por outro lado, com o passar dos anos pode-se observar um painel bem diversificado da presença feminina, sobretudo com a criação das escolas de samba. Nesse cenário, algumas mulheres se tornaram referências para as próximas gerações. Como é o caso de Tia Eulália, uma das criadoras da escola de samba do Império Serrano. A fundação ocorreu no ano de 1947 em sua casa, em Madureira, zona norte do Rio de Janeiro (RJ).

Figura 1: Tia Eulália no Morro da Serrinha



Fonte: Reprodução - YouTube

Outra figura importante foi Dona Ivone Lara, primeira brasileira compositora de samba-enredo. Ela rompeu com a tradição de que a mulher apenas fazia parte do coro, e ganhou projeção e respeito do samba, tornando-se uma das maiores letristas que o Brasil já teve. Ela foi a primeira mulher a integrar a ala de compositores de uma escola de samba, ao assinar, em 1965, “Os Cinco Bailes da História do Rio” da agremiação Império Serrano. (BRUNO, 2021).

Figura 2: Dona Ivone Lara

Fonte: Acervo Dona Ivone Lara

Com o passar do tempo, vários estados do Brasil tiveram contato com o samba carioca, e um desses locais foi o Distrito Federal (DF). Não se tem uma data precisa de como o samba surgiu em Brasília. Entretanto, existem registros simbólicos de fatos que culminaram na formação de uma cultura do samba na capital do país. Um dos espaços culturais mais importantes para a reflexão da presença negra no samba e no carnaval do DF é a Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro, fundada em 1961 por funcionários públicos transferidos do Rio de Janeiro para Brasília. Eles se instalaram no bairro que, na época, era conhecido como Gavião. A saudade do samba carioca reunia os amigos para um batuque. E foi em um desses encontros que surgiu a ideia de se criar uma escola de samba. Nesse ano, o grupo oriundo da capital fluminense reuniu-se na casa do então militar Paulo Costa para criar eventos de esporte e música. Os encontros aumentaram, o grupo cresceu e se transformou em uma das principais escolas de samba do Distrito Federal, a Aruc. A associação reuniu músicos, compositores, e é extremamente importante para o entendimento da trajetória de músicos e artistas negros no Distrito Federal. (SOARES, 2020).

Figura 3: Fundação da Aruc, 1961²

Fonte: Acervo Aruc

Um dos grandes símbolos da resistência negra no samba brasileiro foi Manoel Frederico Soares, mais conhecido como Manoel Brigadeiro. Cantor, compositor e funcionário público, foi transferido para Brasília em 1974 para trabalhar no Ministério dos Transportes. Veio acompanhado de Gilda, sua mulher, e dos filhos. Considerado o Embaixador do Samba de Brasília, Manoel foi autor de mais de 100 composições, com sambas gravados por nomes como Ciro Monteiro, Alcides Gerardi, Isaurinha Garcia, Carmen Costa e Jair Rodrigues. Além de ser uma figura importante para os negros no DF.

Assim como a casa de Tia Ciata no Rio de Janeiro, a Aruc se desenvolvia como um espaço de resistência e pertencimento para homens e mulheres ligados ao samba no DF. Patrimônio Cultural e Imaterial do Distrito Federal desde 2009, a Aruc coleciona títulos e histórias. O Cruzeiro e a Aruc fazem parte do começo do samba no Distrito Federal. O presidente da escola, o jornalista Moacyr Oliveira, afirma que muito dessa tradição se deve ao fato dos cariocas ocuparem aquela região.

² No dia 21 de outubro de 1961, moradores do Bairro do Gavião (Cruzeiro) se juntaram na casa de Paulo Costa, na Quadra 14, para fundar a Aruc. A escola se tornou a maior campeã do carnaval de Brasília. A fotografia marca a reunião de fundação da Aruc. Desde 1961, articulando lazer, esporte e cultura, a escola reuniu grandes nomes do samba e do carnaval, sendo um espaço importante da presença negra no DF. Fonte: Aruc. História. Disponível em: <http://unidosdocruzeiro.blogspot.com/p/historia.html>. Acesso em 28/05/2023.

O Cruzeiro tem a mesma atmosfera dos subúrbios cariocas. Alguém coloca a cadeira na porta de casa, outro começa a fazer churrasquinho, os vizinhos vão chegando, um pega o cavaquinho, outro vai buscar o pandeiro e quando você vê o samba já tá acontecendo. (OLIVEIRA, 2012)

Com o passar do tempo, os bares da capital federal e demais regiões administrativas também foram importantes para o samba se firmar na cidade. Foi no bar e restaurante Calaf, no Setor Comercial Sul, que surgiu o grupo Samba Choro, de Marcley, Evandro Barcelos e Chico Lopes. Hoje, as casas de músicas são variadas e espalhadas por todo o DF, sendo possível ouvir samba ao vivo todos os dias na semana.

Outro coletivo que foi inspirado nas tradicionais rodas de samba do Rio de Janeiro foi o Samba na Rua, criado em 2013 por Ana Carolina Boquadi e Fernanda Jacob. As sambistas tinham como objetivo democratizar o acesso à cultura e ressignificar a ocupação dos espaços públicos, promovendo encontros comunitários por meio da música. Além disso, o projeto evidencia a participação de mulheres negras na construção da cena do samba brasileiro e nacional. Em entrevista à autora deste trabalho, Fernanda Jacob afirma que, por causa das desigualdades raciais e de gênero, mulheres não alcançam os espaços merecidos no mercado musical de Brasília, embora sejam de fundamental importância na transmissão dos ritmos afro-brasileiros, patrimônio trazido para o DF por suas famílias e comunidades. A intérprete reforça a ideia do projeto dentro de uma dimensão transformadora, desde a redução de violência à movimentação do comércio e até a revitalização da cidade. Com isso, o projeto que já está há dez anos na capital federal e celebra a obra de mulheres negras que foram e ainda são referência na história do samba.

Hoje, grupos e rodas totalmente compostos por mulheres são destaques na capital federal. A cena feminina negra brasileira no samba está repleta de talentos associada a busca pela construção de suas próprias narrativas e protagonismo, que utilizam da cena local como espaço seguro para manifestações e diálogos produzidos por pessoas negras.

Com a *Cuíca*, essas histórias de mulheres negras serão contadas por meio de entrevistas com os principais nomes da cena cultural do samba no DF. Sobre o formato utilizado, o *podcast* foi escolhido por surgir como uma alternativa à mídia tradicional e como um produto comunicativo de bastante relevância no momento atual do mundo (BONINI, 2015), sobretudo no contexto pós-pandemia. Com esse novo formato de mídia, é possível ampliar a possibilidade de edição, produção, distribuição e consumo de conteúdo, de tecnologia e de contato com o público.

Os podcasts se tornaram rapidamente uma paixão nacional. Segundo levantamento da *Insider Intelligence* (2022), o Brasil é o terceiro maior consumidor de podcasts no mundo, em números absolutos, com mais de 39 milhões de ouvintes. Estima-se, ainda, que o formato se popularize a 23,5% da população mundial conectada até 2024. Durante a pandemia, houve o grande *boom* da popularidade dos podcasts no Brasil, mas sua disseminação se deve também à facilidade de acesso ao conteúdo; à possibilidade de ouvi-los enquanto realizamos tarefas domésticas, no carro ou no transporte público; ao acesso aos programas pelos *streamings* de áudio e de vídeo, dentre outras características. (GLOBO, 2021).

Assim, a *Cuíca* surge para criar uma rede de narrativas através da trajetória de mulheres negras que fazem parte do samba dentro do universo brasileiro.

5.2 - A figura feminina no samba

Desde que o samba é samba, a presença feminina tem importância fundamental para este gênero musical. Contar a história do samba, é contar a história de Tia Ciata. A riqueza de sua trajetória é ponto de partida, pois ela abre as portas de sua casa para inúmeros compositores e sambistas. Hilária Batista de Almeida é uma das principais figuras do surgimento do samba no Brasil. Ela nasceu em 1854, no município de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano. Aos 16, ela se muda para Cachoeira, Bahia. Aos 21, vai para Salvador. E aos 22 anos de idade, ela viaja para o Rio de Janeiro. (MOURA, 1995)

Figura 4: Foto de Tia Ciata



Fonte: Acervo da Organização Cultural Remanescentes de Tia Ciata

Em 1890 ela se muda para a Praça 11, até então chamada de “pequena África” por ser um grande reduto negro. As mulheres negras que chegavam na Praça 11 com Ciata eram

mulheres que participavam economicamente da vida do país. Elas trabalhavam, tornavam por sua concepção cultural uma independência em relação ao seu próprio corpo. Tia Ciata fez de sua vida um trabalho constante, tornado-se, com as outras tias baianas, a iniciadora da tradição das baianas quituteiras no Rio de Janeiro, com suas vistosas roupas, colares e pulseiras, desenvolvendo uma atividade cercada por forte fundamento religioso. Suas comidas eram consideradas santificadas, principalmente por ser uma ialorixá³, ou seja, seus quitutes eram dedicados aos orixás. Vendidos no largo da carioca, foram considerados os melhores doces do Rio de Janeiro. (MOURA, 1995).

Logo depois que chega no Rio de Janeiro, Tia Ciata se casa com João Batista e eles passam a ter uma moradia na Praça 11. Essa casa representava a cultura e a resistência negra carioca. O samba aos poucos foi surgindo no quintal dos terreiros de sua casa e aquele local passa a ser um modelo de rede de sociabilidade e solidariedade para que o negro resignificasse a presença dele num espaço social.

De acordo com estudos sobre a história do samba (MOURA, 1995; WERNECK, 2007), Tia Ciata foi responsável pela cura de uma ferida que não fechava do presidente Wenceslau Brás, por isso ela ganha a centralidade de segurança que havia nas rodas de samba de sua casa. E aquele território passou a ser um local mais seguro para se curtir o samba. Como consequência, essa casa passou a ser muito comentada, visto que muitos jornalistas referenciam as rodas de samba que aconteciam naquele local.

E foi no quintal de sua casa que, no ano de 1916, há registros do primeiro samba gravado. O samba se chama “Pelo Telefone”. Esse mesmo tornou-se o maior êxito do Carnaval de 1917 e o precursor de uma longa linhagem de composições que consagrou milhares de artistas durante os cem anos seguintes.

O chefe da folia
Pelo telefone manda me avisar
Que com alegria
Não se questione para se brindar
(SANTOS; ALMEIDA, 1916)

Assim, ao redor de sua casa, Pixinguinha, João da Baiana, Sinhô, Heitor dos Prazeres, Caninha e outros pioneiros, como Donga, encontraram um abrigo para compor chorinhos,

³ No candomblé, o sacerdote responsável pelo templo é o babalorixá (“babá” significa pai em yorubá) ou a ialorixá (“iyá” significa mãe). As pessoas iniciadas pelo mesmo sacerdote são irmãs. Quando o sacerdote (babalorixá ou ialorixá) morre, quem define o sucessor é o orixá por meio de um oráculo. Mãe de santo ou ialorixá é designação da pessoa incumbida de gerenciar um terreiro de candomblé e a sua liturgia, de exercer toda autoridade sobre os membros de seu grupo, em qualquer nível da hierarquia. (MOURA, 1995).

lundus, maxixes e tangos carnavalescos, com relativa liberdade e de forma coletiva. No entanto, as rodas de samba por muito tempo foram vistas como um ato marginal. Essa maneira de se expressar foi repudiada por muitos e conseqüentemente por aqueles que não queriam ouvir a verdadeira história sendo contada.

Em relação ao cenário da época, o projeto ideológico da recém república proclamada em 1889 era totalmente contrário aos tipos de manifestações culturais, como o samba e a capoeira, e às manifestações religiosas, como o candomblé. Nessa época o projeto de civilização da república excluiu algumas práticas que hoje sabemos a sua importância no enriquecimento da cultura brasileira. (MOURA, 1995).

Já na década de 1930, Getúlio Vargas tinha como objetivo construir uma identidade nacional para o Brasil, um país vindo do federalismo da República Velha, sem muito o que realmente unisse o “povo” em meio a tantas disparidades regionais. E uma das formas de se fazer isso, foi através do samba. Segundo Siqueira (2004), o “ processo de popularização do samba era iminente, mas certamente a política de Vargas contribuiu para a sua consolidação no panorama nacional”. O estilo musical começava a ficar conhecido no restante do país por meio do rádio. Com seu crescente e promissor poder de influência, o veículo não poderia ser deixado de fora. Assim, em 1940, a Rádio Nacional foi incorporada ao patrimônio da União, passando a ser totalmente controlada pelo Estado. No mesmo ano, o famoso radialista Almirante passou a comandar programas musicais de conteúdo popular, tornando-se "uma figura importante para a propagação, pelo rádio, da ideia de uma nacionalidade" (SIQUEIRA, 2004).

Outro ponto levantado por Siqueira (2004), foi o fato do samba precisar passar por pequenas mudanças para ser aceito pela sociedade, principalmente pela elite, ou seja, o samba precisou sofrer um processo de "embranquecimento". Já na década de 1930, na chamada "época de ouro", nota-se uma grande quantidade de sambistas brancos, atraídos pelo sucesso samba.

De acordo com Jurema Werneck (2007), em 1940 a complexidade do cenário incluía também a negociação entre o Estado brasileiro e a população, a respeito das formas de inclusão da população negra que vão marcar todo o período subsequente.

Na década de 40, o desenvolvimento de políticas culturais estatais, deflagradas tanto a partir do estado nacional brasileiro sob a liderança do governo ditatorial de Getúlio Vargas, quanto a partir dos Estados Unidos, buscaram ocupar novas posições na geopolítica ocidental, passando a influenciar de forma crescente a música popular brasileira. Foi a época de grande penetração midiática das formas culturais negras brasileiras e estadunidenses, o que conferia ao espectro midiático

fortes características de representação da diáspora africana (WERNECK, 2007, p. 153).

Nos anos seguintes, vimos surgirem nomes como o de Dona Zica, Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra, Leci Brandão, Alcione e tantas outras mulheres negras que se destacaram por seu pioneirismo, ousadia e pelo cuidado com suas comunidades. A história nos mostra que a origem e a continuidade do samba se dá através das mãos e das vozes das mulheres negras, seja como liderança política, agentes culturais, intérpretes, compositores e musicistas, elas são um dos principais pilares do gênero musical.

5.3 - As mulheres do samba no Distrito Federal

Se você é de Brasília e acompanha a cena do samba atual na capital federal, com certeza já ouviu nomes como: Dhi Ribeiro, Teresa Lopes, Yara Alvarenga, Cris Pereira, Ane Êoketu, Fernanda Jacob, Carol Nogueira, Letícia Fialho, Larissa Umaytá. Cantoras, compositoras, percussionistas e produtoras que cada vez mais marcam sua presença no universo cultural do samba brasiliense, representando fortemente negritude, identidade, brasilidade e ancestralidade em suas produções musicais.

A figura da mulher negra sambista no Distrito Federal desempenha um papel importante na preservação e promoção do samba, um gênero musical profundamente enraizado na cultura afro-brasileira. Ao longo desses anos, essas mulheres têm se destacado na cena musical em Brasília, utilizando da sua arte para transmitir mensagens de resistência, empoderamento e celebração da identidade negra.

Como é o caso de Ane Êoketu, que recentemente lançou seu primeiro álbum “Eu Já Passei Pelo Fogo”, que busca as raízes musicais na ancestralidade e nos movimentos culturais e sociais. Também temos Fernanda Jacob, uma das criadoras do *Samba na Rua* e do *Grupo Embarça*. Ela se divide entre as rodas de samba e o teatro, sempre buscando trazer a identidade e a ancestralidade como pilares em seus projetos.

Foram essas mulheres, por exemplo, que influenciaram a criação da *Cuíca*. O intuito é sim falar sobre a representatividade da mulher negra no samba, mas também promover a troca de experiências, por meio de histórias, vivências, desafios e sonhos. Falar sobre a importância de termos figuras emblemáticas, assim como elas, que inspiram outras mulheres a conseguirem conquistar seus espaços.

6. ANTECEDENTES

Jurema Werneck é uma ativista e pesquisadora brasileira conhecida por seu trabalho em defesa dos direitos humanos, especialmente em relação às questões de saúde, gênero e raça. Além de fazer parte do Movimento de Mulheres Negras no Brasil, ela é diretora-executiva da Anistia Internacional do Brasil, sendo uma das responsáveis por introduzir o conceito de interseccionalidade nas discussões sobre feminismo no país.

Samba das Ialodês é um projeto idealizado por Jurema que começou como sua tese de doutorado e anos atrás virou um livro. Nele, a pesquisadora busca promover a cultura afro-brasileira e fortalecer o protagonismo das mulheres negras. O termo “Ialodê” refere-se a mulheres mais velhas e líderes nos terreiros de candomblé, que possuem um papel importante na preservação das tradições e sabedorias ancestrais. O estudo da ativista tem como objetivo valorizar a presença e a contribuição das mulheres negras na cultura do samba. Através de rodas de samba, encontros, oficinas e apresentações artísticas, Jurema busca fortalecer a identidade e a autoestima das mulheres negras, promovendo a inclusão, o empoderamento e a visibilidade de sambistas negras.

Em uma entrevista concedida ao programa “Roda Viva” no ano de 2021⁴, a pesquisadora afirma que o espaço público de maior presença e expressão de mulheres negras no Brasil e em toda a diáspora africana se dá a partir da cultura de massa, mas especificamente na música popular e sua indústria cultural. Ao longo de sua pesquisa, ela pôde acompanhar as diferentes trajetórias de mulheres negras na música popular brasileira, a partir do final do século XIX até os dias de hoje. Ao fazer uma comparação com os movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo dentro do campo da cultura de massa, a autora defende ser possível analisar que a atuação dessas mulheres foi múltipla e produtiva. Ela afirma que:

Ainda que diferentes fatores tenham atuado para a destituição das mulheres negras de seu papel central, esses fatores puderam ser superados pelo menos naqueles espaços de visibilidade que implicavam a circulação do samba como produto dotado de valor de venda e capaz de conferir prestígio social. (WERNECK, 2019).

No segundo episódio da *Cuíca*, já conseguimos fazer uma relação a partir dos estudos de Jurema Werneck com a fala da atriz e sambista Fernanda Jacob. Segundo a intérprete, foi por meio da arte que ela pôde expressar algumas dores, usando a música como um espaço

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBfvhkDRGac>

para se sentir viva. Jacob menciona que passou por momentos difíceis em relação à sua saúde e foi o samba que lhe deu forças para que ela não tivesse tanto medo de morrer. “Eu me sinto viva dessa forma. Passei muitos anos da minha vida sendo silenciada, sendo inviabilizada” afirma Jacob.

Conviver nesses espaços com pessoas brancas me fez não me reconhecer por muito tempo e, diante da arte e daquilo que eu quero falar, daquilo que eu quero cantar - é com o samba também que eu vou resgatando o que é meu, vou resgatando também a minha ancestralidade, então com certeza eu me mantendo viva por conta disso, a arte é um espaço de cura. (JACOB, 2023)

Ao pensar sobre a trajetória de mulheres negras dentro do samba, é possível atrelar alguns fatores à forma que elas atuam dentro desse campo da cultura de massa. O simbolismo de suas produções culturais a partir de sua música, de sua subjetividade, da afirmação e da atualização da tradição, da expressão e significado do corpo e em seus elementos de ocupação de espaços públicos e privados. De acordo com Jurema (2007), esses elementos estão presentes no imaginário que diferentes mídias propagavam e propagam destas mulheres.

Em outro momento do *podcast*, Fernanda Jacob fala sobre a questão da sua afirmação enquanto uma mulher negra sambista:

É com esse objetivo que queremos protagonizar cada vez mais. Por isso, eu faço questão de estar cada vez mais nas rodas de samba. Quero voltar com essa figura: sapatão, mulher preta, podendo dizer muitas coisas, podendo cantar o que eu quero, ainda mais aqui em Brasília. (JACOB, 2023)

Sabemos da importância da afirmação das mulheres negras em relação aos espaços que transitam diariamente, por isso, é fundamental ressaltarmos o respeito como principal aliado nesse processo. O respeito aqui se dá em um sentido amplo, ou seja, de reconhecer nelas (mulheres negras) a humanidade negada a elas, em um mundo de forças contrárias, marcado por exclusão e violência. Reconhecer nelas a sua capacidade laboral, que é explorada mas não é valorizada. Hoje, nós mulheres negras, temos como objetivo acabar com o racismo e fazer com que se extinga o patriarcado que expropria a mulher negra. O desejo por mudança e transformação faz parte de sua identidade. Por isso, é nítido ver, a partir de suas criações, a construção de ferramentas mínimas para acharem um lugar justo, porque essas mulheres precisam seguir, avançar. É tão importante encontrar caminhos para que essas mulheres consigam não só sobreviver, mas dar passos cada vez maiores, e mais longe.

Ao ser questionada no programa “Roda Viva” (2021) sobre o seu entendimento em relação à mulher negra como um sujeito político dentro do movimento e para a sociedade brasileira em geral, Jurema Werneck afirma: “Nós mulheres negras vivemos em levante permanente”. Essa fala da Jurema casa muito bem com as palavras de Ane Êoketu no primeiro episódio da *Cuíca*, quando a compositora menciona a importância das mulheres terem suas próprias ferramentas e estratégias para produzir a sua arte e fazer desse processo um ato de transformação. A conexão à linha de raciocínio da Jurema continua, visto que a pesquisadora ressalta a importância de as mulheres negras conseguirem construir ferramentas mínimas para acharem um lugar justo e para que elas consigam avançar cada vez mais em seus espaços que habitam.

Sendo assim, é importante ressaltar também a ideia que Jurema traz de mulheres ocuparem a esfera pública. Não como marionetes do sistema, mas sim disputando todos os espaços, reconhecendo nelas mesmas o lugar de sujeitas. No caso de mulheres sambistas, pensar nessas mulheres em suas subjetividades a partir da música é estratégia para combater essa violência descomunal.

7. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho toma como base alguns conceitos da comunicação norteadores para a produção do *podcast*. Dessa forma, a argumentação e a articulação teórica estão destrinchadas em quatro partes: o *podcast* e a ressignificação do consumo dessa mídia; ocupação digital feminista; feminismo negro e *podcast*; e *podcast* como ferramenta de resistência para mulheres negras.

7.1 O *podcast* e a ressignificação do consumo dessa mídia

Os consumidores de *podcast* têm a autonomia de selecionar os conteúdos que desejam ouvir, optando por episódios que despertem seu interesse por meio da linguagem utilizada. A relação entre a percepção de som e a imagem não se limita apenas às imagens mentais, mas também se estende à dimensão linguística, tal como propõe Wittgenstein (1999). De acordo com o autor, a linguagem é uma atividade humana localizada cultural e historicamente. Isso implica que a linguagem desempenha um papel fundamental em evocar imagens em nossa mente sobre a realidade ao nosso redor. As palavras (ou seja, os sons) presentes na linguagem nos levam a criar imagens e conceitos sobre os eventos e acontecimentos da vida.

Em cada episódio da *Cuíca*, foi pensado uma forma de perceber interpretações particulares do mundo sobre a perspectiva de cada convidada, juntamente com a apresentadora em forma de narrativas sonoras. Segundo Barthes (1993, p.251): “[...] a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade”. Um bom paralelo a esta teoria de Barthes está no conjunto de episódios do *podcast*, visto que ele se tornou um lugar de tanto afeto, informação, troca, identificação, boas risadas, emoção, choro e canção.

De acordo com Moles (1975 *apud* Balsebre, 1994), é possível separar a estrutura da mensagem sonora em três pontos-chaves: a palavra, o som, e a música. Balsebre concorda com Moles, mas faz uma pequena adição ao seu discurso: o silêncio. Para o catalão, o silêncio é parte fundamental da narrativa radiofônica e traz um significado muito importante. Para Balsebre (1994, p.332-333):

A informação estética da música descreve a relação afetiva de nível conotativo do sistema semiótico da linguagem radiofônica. E o uso da música junto com a palavra traz uma harmonia peculiar. A música radiofônica tem duas funções estéticas básicas: expressiva, quando o movimento afetivo da música cria "clima" emocional e "atmosfera" sonora, e descritiva, quando o movimento espacial que denota a

música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato. A música é imagem no rádio. (BALSEBRE, 1994, p.332-333)

Dessa forma, para criar um ambiente que remetesse ao universo do samba, e ao mesmo tempo despertasse sentimentos, memórias e conexões entre os amantes e uma boa roda de samba, foi utilizado músicas, batucos e sons de cuica para remeter a essa ideia do *podcast*.

Compreende-se que a sonoridade de um podcast é formada por elementos como diálogos, música e ruídos, os quais constituem a matéria-prima viva dessa forma de mídia sonora. O podcast é um material gravado e arquivado em áudio, disponibilizado na internet em plataformas digitais de streaming e de áudio, que pode ser escutado quando o usuário desejar. A palavra *podcast* é uma junção dos termos "iPod" e "broadcast". O termo foi cunhado em 2004 pelo jornalista inglês Ben Hammersley, combinando o nome do popular dispositivo de reprodução de áudio da Apple, o iPod, com a palavra "broadcast", que significa "transmissão" em inglês. (OLIVEIRA, 2020).

O iPod era amplamente utilizado na época para armazenar e reproduzir músicas e outros conteúdos de áudio, enquanto o termo "broadcast" fazia referência à transmissão de programas de rádio e televisão. Assim, o conceito de *podcast* surgiu como uma forma de transmitir programas de áudio sob demanda, permitindo que os ouvintes os baixassem e ouvissem quando quisessem, utilizando seus dispositivos portáteis, como o iPod. Desde então, esse formato de mídia se popularizou e passou a englobar uma ampla variedade de programas de áudio distribuídos pela internet. (OLIVEIRA, 2020).

Os episódios de um podcast são disponibilizados por meio do podcasting, um sistema que utiliza um padrão de feed RSS⁵ para distribuir informações pela internet em tempo real. Esse formato se tornou popular devido à sua capacidade de ser reproduzido em diversos dispositivos, como smartphones, iPads, televisões e computadores, por meio da conexão à internet. Uma vantagem desse sistema é que o público pode escolher os podcasts que deseja ouvir e receber atualizações regulares, seja semanalmente, diariamente ou mensalmente.

O podcasting é empolgante porque qualquer pessoa pode se envolver, se expressar, trocar idéias ou apresentar seus produtos. Quaisquer que sejam os interesses das pessoas, há um lugar para elas no podcasting. O podcasting é perturbador porque,

⁵ O RSS (Really Simple Syndication) é um formato de distribuição de informações em tempo real pela internet. Por esse sistema o internauta não precisa abrir o navegador ou fazer busca de notícias, fotos ou vídeos em diferentes sites. Todo o conteúdo desejado vai até você automaticamente por um código de RSS. Basta escolher qual conteúdo quer receber” (BRASIL, 2020).

como qualquer nova tecnologia que vale a pena, o podcasting é interrompido por todas as regras. Você pode fazer um podcast sobre utensílios de cozinha retrô? Certo. Pode ser um minuto? Claro. Pode demorar uma hora? Se você quiser. Pode ser em gíria? Uh-huh. Podcasting coloca o poder de se comunicar nas mãos dos indivíduos. Milhares de pessoas já estão envolvidas, cada uma tão única quanto seu podcast. (KLASS; GEOGHEGAN, 2007, p. 2).

O podcast é definido por Berry (2006, p.144), como um conteúdo de mídia entregue automaticamente a um assinante através da internet, tendo como sua principal característica, em termos técnicos, a distribuição do conteúdo via RSS (Really Simple Syndication), que, de maneira simplificada, diz respeito à forma como o podcast chega de forma automatizada para os ouvintes nas plataformas de streaming. O RSS, juntamente com o áudio digital, é visto por Pérez (2010), as principais características do podcast. Outro autor importante nesta conceituação, Bonini (2020), pontua:

Podcasting é uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro produzido por tradicionais editores, como rádio, companhias editoriais, jornalistas e instituições educacionais (escolas, centros de ensino profissionalizante), ou criado por produtores independentes de rádio, artistas e amadores. (BONINI, 2020, p.14)

A oportunidade de realizar produções independentes com baixos custos tem gerado um interesse significativo no processo conhecido como *podcasting*. Ao contrário do modelo de produção de outros meios de comunicação, a criação de um *podcast* é teoricamente acessível a qualquer membro da audiência.

[...] você só precisa de um microfone, um computador e algo para compartilhar com o resto do mundo. Sim, você leu corretamente: o mundo. Foi montado um palco no qual o “homem comum” (ou mulher, nesse caso) pode ficar de pé e seja ouvido pela Internet. [...] Os podcasters, com seu primeiro podcast, podem alcançar uma audiência geograficamente diversa do que uma estação de rádio com o mais poderoso transmissor AM/FM no mundo. Tudo sem transmissores, sem satélites, sem regulamentos. Ouvintes localizados nos Estados Unidos, Nova Zelândia, Japão, Índia, França [...]. O mundo inteiro está realmente ouvindo. O acesso a uma enorme público em potencial era um privilégio que antes era reservado apenas para grandes empresas e governos, mas o podcasting mudou tudo. (KLASS; GEOGHEGAN, 2007, p. 2).

De acordo com Herschmann e Kischinhevsky (2007), não há padrão de locução, nem etiquetas a serem seguidas em termos de linguagem ou temas abordados. Este modo de produção torna o conteúdo mais democrático em dois sentidos: seja pelo acesso do público ou pela relativa simplicidade e liberdade no processo de produção. Sendo assim, o conteúdo passa a ser descentralizado e mais democrático, podendo ser influenciado ou emitido por

qualquer membro da audiência, em qualquer ponto de rede. Esse aspecto é claramente abordado por Medeiros:

[...] a grande inovação que o podcasting propõe: o “poder de emissão” na mão do ouvinte. Com isso, não existe mais uma produção de conteúdo centralizado nas mãos de uma mídia. Cada usuário produz seu conteúdo descentralizadamente, disponibilizando-o na rede da melhor maneira possível que lhe convier (MEDEIROS, 2005, p.5)

Em outras palavras, no contexto do podcasting, o fluxo de comunicação deixa de ser unidirecional, do emissor para vários receptores, como nas mídias tradicionais. Em vez disso, o podcasting permite uma abordagem inversa, em que a produção é realizada por muitos indivíduos, mas o consumo é feito de forma individualizada. Cada ouvinte tem a liberdade de buscar o conteúdo que deseja ouvir, no momento que escolher, respeitando suas preferências e interesses específicos. Como já previa Negroponte (1995), os podcasts seguem a lógica das mídias digitais, baseada na postura ativa da audiência, que vai buscar o conteúdo em meio a tantas possibilidades disponíveis na rede.

A mídia do amanhã terá a ver com o ato de puxar: todos acessarão a rede e conferirão o que há nela, assim como uma locadora ou biblioteca. Isso poderá ser feito de forma explícita, ou seja, por cada usuário ou implícita, isto é, através de um agente (NEGROPONTE, 1995, p. 149).

7.2 Ocupação digital feminista

Como construir espaços digitais mais políticos e engajados? A ocupação digital feminista permite que as mulheres ocupem espaços de poder na internet, contrapondo-se às opressões e estereótipos de gênero. Essa forma de ativismo digital possibilita o fortalecimento de redes de apoio e solidariedade entre mulheres, facilita o acesso a recursos e conhecimentos, e permite a ampliação do diálogo entre diferentes grupos ao redor do mundo. (HACK, 2019).

O termo "*Mulher Podcaster*" surgiu em 2017, quando a podcaster Ira Croft criou a hashtag *#mulherespodcasters*, como forma de identificação. A iniciativa tinha como objetivo promover a visibilidade e divulgação de programas de podcast produzidos por mulheres ou que contavam com a participação feminina. No mesmo ano, foi lançada a campanha *#OPodcastÉDelas*, com o propósito de incentivar a participação das mulheres na mídia, diante das desigualdades existentes. Esse movimento ocorreu em um momento em que novos debates feministas começaram a surgir nos espaços digitais, impulsionados por novas formas de articulação e mobilização. (ALVAREZ, 2014).

Os espaços digitais de produção de conteúdo, enquanto esfera pública e política, tensionaram a noção de participação das pessoas na política: a ideia de um povo dá lugar a uma pluralidade de pessoas, que participam individualmente no espaço digital, comparecendo enquanto indivíduos (diversos e plurais) na soberania política e não enquanto unidade. Os espaços digitais possibilitam uma forma de ação política que desafia qualquer noção unívoca de povo, ainda que existam grupos que reúnam indivíduos em todo de um interesse em comum. (HACK; PAGLIARO, 2021, p. 87)

A presença de homens e mulheres no cenário da mídia *podcast* pode variar dependendo do contexto e do tema abordado. Historicamente, os podcasters têm sido predominantemente homens, refletindo as desigualdades de gênero presentes em muitas áreas da mídia e do entretenimento. Os autores Luis Miguel e Flávia Biroli (2011) apontam como um cuidado necessário analisar a presença de mulheres no espaço midiático. Os autores assim definem:

A presença de mulheres nos meios de comunicação pode colaborar para a construção de trajetórias políticas e individuais e também para uma inserção maior e mais efetiva delas, como grupo, no campo político. Mas dependendo de seu volume e feição, pode também, naturalizar a sub-representação e presença marginal das mulheres, ao torná-las invisíveis ou restringir sua participação a espaços e temas que ativam compreensões convencionais de gênero, sobretudo das habilidades e vocações que seriam caracteristicamente “femininas”. (MIGUEL; BIROLI, 2011, p. 1).

Ao falar sobre feminismos e gênero, é fundamental trazer a interseccionalidade como norte para essa discussão. O termo "interseccionalidade" foi cunhado pela professora e ativista negra Kimberlé Crenshaw, na década de 1980. Ela desenvolveu esse conceito como uma abordagem teórica para entender as múltiplas formas de opressão e discriminação que as pessoas enfrentam, especialmente aquelas que pertencem a grupos marginalizados. A interseccionalidade reconhece que as identidades e as experiências das pessoas são moldadas por diferentes sistemas de opressão, como gênero, raça, classe social, orientação sexual, deficiência, entre outros. Em vez de analisar essas formas de opressão de forma isolada, a interseccionalidade busca compreender como elas se entrelaçam e se sobrepõem, criando experiências únicas e complexas para as pessoas que vivenciam múltiplas formas de marginalização. Este tema também é tratado nos cruzamentos de opressões por autoras brasileiras e latino-americanas ou outros termos, como latinidades, amefricanidades (GONZALEZ, 2020), mestiçagem e fronteiras (ANZALDÚA, 1999).

A interseccionalidade surge como campo analítico a partir de teorias negras e latinas situadas na América do Norte, na proposta de desmarginalizar a análise epistemológica e social sobre as mulheres de cor e trazer novos debates a respeito do desenvolvimento desigual dos direitos humanos humanos em relação a critérios de raça e gênero (CRENSHAW, 1991, 2002).

De fato, as experiências são compartilhadas para questionar os universalismos e a aplicação de direitos com base em contextos universais. No entanto, quando se trata das experiências de mulheres negras, por exemplo, é necessário aplicar outras interpretações. Nesse sentido, a interseccionalidade não deve ser apenas uma ferramenta teórica, mas também uma abordagem política que contextualize os fatos e histórias das produtoras de podcast dentro de suas experiências de vida, que são moldadas por opressões, construções simbólicas e silenciamentos. A interseccionalidade permite uma compreensão mais ampla das complexidades e interconexões das diferentes formas de opressão que afetam essas mulheres, contribuindo para uma análise mais precisa de suas vivências e perspectivas. (HACK, 2019).

De acordo com Rafia Zakaria (2021), as mulheres não brancas enfrentam uma série de questões, especialmente quando se trata de feminismos e direitos humanos. A autora destaca que há disputas recorrentes pelo protagonismo, especialmente no contexto do feminismo. Segundo ela, o termo "feminismo", no singular, muitas vezes é entendido como uma versão representativa das experiências das mulheres brancas, o que faz com que seja visto como uma pauta hegemônica universal e suficiente.

Dessa forma, é fundamental reconhecer a diversidade de mulheres dentro de um determinado contexto geográfico, bem como suas lutas históricas. Sueli Carneiro apresenta que, após a Conferência Regional das Américas, ocorrida em 2000, houve um trabalho árduo de mulheres negras brasileiras para reproduzir visibilidade às práticas discriminatórias, inclusive em relação aos chamados feminismos afro-latino-americanos (CARNEIRO, 2011). A autora acrescenta que, após a Conferência Nacional de Mulheres em 2002, a luta feminista no Brasil foi reposicionada para incluir coletivamente mulheres negras, indígenas, nordestinas, urbanas, rurais, quilombolas, jovens, de terceira idade, lésbicas, de diferentes vinculações religiosas e partidárias (CARNEIRO, 2019).

A presença de uma diversidade étnico-racial incentiva que as experiências de mulheres direcionam à compreensão que os feminismos podem ter como prática cultural a localização das vozes nas estruturas sociais midiáticas para negociar espaços narrativos. Estas vozes se conectam em temas centrais para identificar marcas sociais e as negociam, articulando suas percepções de que não existe um sentido universal para o que se compreende

como feminismo. Esta pode ser uma forma para se criar mais espaços de poder por compartilhamento de conteúdos em forma de áudio. Sueli Carneiro ainda aponta:

A diversificação das concepções e práticas políticas que a ótica das mulheres dos grupos subalternizados introduz no feminismo é resultado de um processo dialético que, se de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos: de outro, exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres. (CARNEIRO, 2019, p. 66)

Há uma crescente dedicação de mulheres de grupos étnico-raciais que buscam tratar a comunicação de modo a criar novas formas discursivas, seja na representação, seja para viabilizar e transparecer processos de mobilização e de lutas dentro dos marcadores sociais das diferenças em uma perspectiva anticapitalista (CARNEIRO, 2019). Nesse sentido, há que se falar em uma prática política de transformação pelas narrativas de mulheres em suas diversas características étnico-raciais.

Ao pensar no processo de produção da *Cuíca*, o objetivo era criar uma ferramenta capaz de elevar as vozes e pensamentos de mulheres negras para a construção de comunidades cada vez mais críticas. Questionar, complementar e apresentar novos olhares de forma crítica e construtivista para os espaços que pretendemos ocupar, para além das regras hegemônicas. O *podcast* possui uma capacidade de aproximação pela oralidade que pode mudar contextos pré-concebidos a partir dessas narrativas.

7.3 Feminismo negro e *podcast*

Para bell hooks (2019), o feminismo é um movimento social e político que busca a libertação e a igualdade das mulheres em relação aos homens. Ela defende uma perspectiva feminista interseccional, que reconhece a interconexão das opressões de gênero, raça, classe e outras formas de opressão, enfatizando a importância de abordar essas questões de forma conjunta. De acordo com a autora, o feminismo não deve ser uma luta exclusivamente das mulheres brancas e de classe média, mas sim um movimento que acolhe e valoriza as experiências das mulheres de todas as origens e identidades. Ela argumenta que o feminismo deve ser uma luta coletiva pela justiça social, desafiando e transformando os sistemas de opressão que afetam as mulheres e buscando uma sociedade mais igualitária e libertadora para todos. A autora também reforça que “[...] o feminismo como movimento para acabar com a opressão sexista chama nossa atenção para os sistemas de dominação e para a inter-relação entre sexo, raça e opressão de classe” (HOOKS, 2019a, p. 65).

Dessa forma, o feminismo negro se torna uma resposta ativista necessária diante da realidade em que persiste a subordinação das mulheres negras dentro das opressões interseccionais (COLLINS, 2019). Collins define o feminismo negro como um movimento social e político que surgiu em resposta às experiências únicas e opressões interseccionais enfrentadas pelas mulheres negras. Ela enfatiza a importância da interseccionalidade no feminismo negro, reconhecendo que identidades e sistemas de opressão estão interconectados e não podem ser abordados isoladamente.

O enegrecimento do feminismo, conforme proposto por Sueli Carneiro (2003), refere-se à necessidade de incorporar as perspectivas e vivências das mulheres negras no movimento feminista. Carneiro argumenta que o feminismo, historicamente, foi dominado por uma perspectiva branca e de classe média, deixando de lado as questões específicas enfrentadas pelas mulheres negras. O enegrecimento do feminismo busca trazer à tona as opressões e desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras, levando em consideração a interseção de gênero, raça e classe.

Para Carneiro, o enegrecimento do feminismo não significa simplesmente adicionar a perspectiva racial, mas sim repensar e reestruturar o próprio movimento, de forma a incluir as experiências das mulheres negras como parte central da luta feminista. Isso implica reconhecer e combater o racismo estrutural e as formas de opressão específicas que afetam as mulheres negras. O enegrecimento do feminismo também envolve a valorização da cultura, do conhecimento e das contribuições das mulheres negras para o movimento feminista.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. (CARNEIRO, 2003b, p. 119)

As estratégias de resistência acompanham as mulheres negras ao longo dos séculos, perpassando a escravidão, onde essas mulheres trabalhavam nas lavouras e dentro das casa-grande, sendo exploradas, abusadas sexualmente e tratadas como propriedade (DAVIS, 2016). Até momentos contemporâneos, quando sofrem com outros efeitos de racismo, falta de oportunidade de trabalho e desigualdades de gênero e raça. Isso acontece porque as reminiscências das violências ocorridas na época colonial adquiriram novos formatos na contemporaneidade (CARNEIRO, 2003a).

Collins (2019) destaca duas dimensões fundamentais e interconectadas do ativismo e resistência das mulheres negras, que se tornam importantes estratégias políticas para promover mudanças sociais. A primeira dimensão diz respeito à luta pela sobrevivência do grupo, o que leva as mulheres negras a estabelecerem esferas de influência feminina negra dentro das estruturas sociais existentes. Essa forma de resistência cotidiana busca criar e compartilhar uma visão de mundo própria para a comunidade negra, em contraposição àquela imposta pelo grupo dominante. Através de ferramentas como a educação, por exemplo, busca-se fortalecer a autoestima, a autonomia e o empoderamento das mulheres negras, assegurando assim a sobrevivência e a resistência do grupo.

A segunda dimensão envolve a luta pela transformação institucional, que implica na implementação de um conjunto de ações para modificar as regras e estruturas que restringem a vida das mulheres negras, relegando-as a papéis de subordinação. Nessa perspectiva, a resistência busca alterar as normas e leis que impedem as mulheres negras de ocuparem posições de poder e influência. O foco está na busca por mudanças sistêmicas que proporcionem maior equidade e igualdade de oportunidades para as mulheres negras.

Para Collins (2019), ambas as dimensões de luta do ativismo das mulheres negras permanecem sendo ações necessárias, assim como foi no passado. Suas raízes históricas deram origem a visão humanista do feminismo negro enquanto movimento de luta das mulheres negras contra o sistema de opressão interligado, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas. (CARNEIRO, 2003a, p. 2).

Dentre as diversas formas de luta e resistência presentes, algumas estão diretamente alinhadas com os conceitos fundamentais do feminismo negro, especialmente no contexto brasileiro, conforme explicado por Cardoso (2012):

O pensamento feminista negro, tecido a partir da complexa realidade racial brasileira, uma realidade codificada pelo gênero, se caracteriza: a) pela recuperação da história das mulheres negras; b) pela reinterpretação desta história a partir de uma nova estrutura teórica construída em oposição aos paradigmas tradicionais, revelando a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento; e c) pelo enfrentamento político ao racismo, ao sexismo e ao heterossexismo através de uma perspectiva interseccional. (CARDOSO, 2012, p. 25)

7.4 O *podcast* como ferramenta de resistência para mulheres negras

Quando levamos em consideração a conscientização das mulheres negras, juntamente com sua busca pela construção de narrativas próprias e protagonismo, através das estratégias de luta e resistência presentes no feminismo negro, podemos afirmar que as mulheres negras utilizam diversas ferramentas e espaços para construir narrativas e subjetividades. Uma

dessas ferramentas é encontrada no ambiente online, mais precisamente na produção de *podcasts*.

O podcast vai além de suas características técnicas, conforme abordado anteriormente. Além de ser uma tecnologia disruptiva, o podcast oferece ferramentas de produção de conteúdo e interação com os ouvintes que desempenham um papel significativo na criação de programas que conectam grupos marginalizados, os quais muitas vezes não se sentem representados na mídia tradicional. Isso possibilita o surgimento de debates mais específicos e nichados, colocando o produtor como protagonista dessas discussões. O podcast oferece uma maior liberdade na definição do conteúdo a ser abordado, assim como na forma como esses debates são construídos nos episódios, promovendo uma maior aproximação e interação entre o produtor e o ouvinte. (HACK, 2019).

Por sua possibilidade de ser uma mídia desvinculada de canais formais de comunicação, o podcast oferece autonomia e independência aos produtores para criar seus próprios programas de forma independente, abordando temas específicos que muitas vezes não encontram espaço em outras mídias, como rádio e televisão. Isso contribui para a descentralização dos conteúdos e possibilita a produção de conteúdo segmentado, direcionado a um público específico. Essa característica potencializa a conexão de grupos minoritários, que encontram no podcast um meio para construir sua própria resistência e compartilhar suas experiências. A natureza íntima dos podcasts permite aos ouvintes ter uma janela para a vida e a mente dos produtores, o que fortalece a conexão e a identificação entre ambos (VRIKKI; MALIK, 2019).

Sendo assim, ao analisar a produção de podcasts e reconhecer o uso desse espaço pelas mulheres negras para transformar a linguagem em ação (LORDE, 2019) e redefinir o discurso que historicamente as marginalizou, é evidente a forte conexão e diálogo entre o feminismo negro e o conteúdo produzido por mulheres negras na cena dos *podcasts*. Esse novo formato de mídia se torna uma ferramenta que contribui para a criação de espaços seguros onde pessoas negras, especialmente mulheres negras, podem se expressar, dialogar e compartilhar suas experiências, rompendo o silêncio e fortalecendo suas vozes (HOOKS, 2019).

8. ETAPAS DE PRODUÇÃO

As etapas de produção do produto *Cuíca: um podcast sobre o protagonismo de mulheres negras sambistas no Distrito Federal* foram pensadas com bases em trabalhos prévios realizados na disciplina Tópicos Especiais em Comunicação Organizacional 5: Comunicação e Diversidade e no *podcast Angu de Grilo*⁶, de Flávia Oliveira e Isabela Reis, cujo o *podcast* retrata a afirmação de laços comunitários e familiares e empoderamento feminino e racial.

8.1 Pré-produção

Com relação à pré-produção deste TCC, todo o processo foi iniciado ainda nas disciplinas Pré-TCC e Tópicos Especiais em Comunicação Organizacional 5: Comunicação e Diversidade, realizadas em 2022. Tudo começou com a escolha do tema e a definição de um objeto básico de estudo. Como eu também realizei o meu pré-projeto sobre *podcast*, a ideia era conseguir a maior quantidade de informações possíveis para que no trabalho final fosse possível de uma forma mais tranquila.

8.1.1 Definição do tema e objeto

No início do processo, eu tive muita dificuldade de escolher um tema que me agradasse tanto pessoal quanto profissionalmente. Inclusive, por algum tempo e semestres atrás, eu tinha optado por uma ideia completamente diferente da que foi apresentada neste memorial. Mas eu tinha um foco para esse TCC: queria muito falar sobre mulheres e *podcast* ao mesmo tempo.

Logo após a minha primeira orientação, sabia que o meu TCC seria voltado para ser um produto, mas ainda não tinha fechado um tema em si. Até que, semanas depois, enquanto eu me arrumava para o Samba Do Buraco Do Tatu em Brasília, surgiu um questionamento: “por que não falar sobre essas mulheres que estão no palco todo final de semana, tocando, cantando e produzindo arte através do samba?”, e foi assim que surgiu a ideia inicial.

Então, eu optei por escolher esse tema porque é algo intrinsecamente ligado a mim, do qual eu faço parte e tenho conhecimento. A escolha do universo do samba como tema é fundamental pelo seu fator pessoal, mas também pelas possibilidades profissionais que futuras que ela gera, ao pensar em um plano de ação para a *Cuíca* ao longo prazo.

⁶ <https://open.spotify.com/show/15cLy4mn3GjaiuHF3WB5np?si=a11cd80097444427>

Já a escolha do objeto, a trajetória de mulheres negras sambistas no DF, foi feita para dar espaço a essas figuras que merecem voz e reconhecimento no campo midiático e cultural. Em suma, o samba é minha grande paixão e poder falar sobre a história dessas mulheres negras que me tocaram de alguma forma durante uma roda de samba no meu Trabalho de Conclusão de Curso é um privilégio, mas também penso nesse produto como um projeto pessoal, que eu almejo levar para os próximos anos. Por isso, o objetivo geral do produto é: produzir um *podcast* que tenha como enfoque a trajetória de mulheres negras sambistas no Distrito Federal.

8.1.2 Pesquisa do tema

A pesquisa sobre o tema ainda trouxe mais animação para o projeto. No levantamento bibliográfico, de material sonoro e nas próprias gravações com as meninas, pude saber de histórias divertidas e surpreendentes sobre o universo do samba e algumas de suas particularidades. Dessa forma, para embasar o trabalho e garantir credibilidade, foram utilizados artigos da internet e livros⁷, que trazem detalhes da história do samba e da importância da figura feminina negra nesses espaços de resistência.

8.1.3 Definição do público focal

Não se pode negar que construir o público de um *podcast* é a base e a chave para o seu sucesso. Afinal, são os seus ouvintes que irão estar sempre presentes em cada um dos episódios e divulgar para que os mais próximos possam também ouvir e acompanhar as conversas presentes neles. Lopes (2014 *apud* Calvet, 2021) coloca como fundamental para a produção de um *podcast* a definição desse público. Essa escolha influencia diretamente nas decisões que serão tomadas durante a produção.

Em *A Importância De Uma Definição Detalhada do Público Alvo Para A Publicidade - Uma Abordagem Prática*, Hass, Kleining e Henzel contam sobre a necessidade da definição de pessoas específicas a serem atingidas pelas campanhas:

Conhecendo quem é o público alvo, fica mais fácil entregar o produto ou o serviço perfeito para o cliente ou consumidor certo, da forma que ele sempre esperou e com algo a mais do que o esperado, mas isto é necessário estudar muito bem quais os pontos a serem atacados, qual a capacidade da campanha publicitária atingir aquele público alvo e as chances do produto ou serviço estar adequado ao tempo e desejos dos consumidores. (2010, p. 2)

⁷ Ver referências, no final do memorial.

Neste *podcast*, o público focal é: mulheres que fazem parte do universo do samba no Distrito Federal. Seja ela musicista ou admiradora desse gênero musical.

Com relação à idade do público-focal, segundo a Pesquisa da Abpod (2019), a média de idade dos ouvintes de *podcasts*, em 2019, era de 28 anos, um a menos do que na mesma pesquisa realizada no ano anterior. A pesquisa também mira no aumento no público feminino, nos níveis de escolaridade e na renda e nos hábitos de consumo do público. Sendo assim, para auxiliar no processo de montagem e para personificar o público-focal, foram criadas personas⁸ de diferentes características sociais e econômicas.

Quadro 1: Personas do programa

Nome	Características
Giulia	24 anos, é apaixonada por samba e acompanha quase todas as rodas de samba da cidade. Brasiliense filha de pais cariocas, Giulia mora no Guará e é estudante de Psicologia na UnB. Ela tende a ouvir <i>podcasts</i> uma ou duas vezes na semana.
Teresa	30 anos, gosta muito de samba mas só consegue sair e curtir os eventos aos finais de semana por conta do trabalho. Brasiliense, ela mora em Taguatinga e trabalha todos os dias da semana das 9h às 19h. Teresa consome <i>podcasts</i> enquanto está no carro dirigindo a caminho do trabalho.
Luciana	35 anos, amante de um bom samba, acompanha os projetos culturais da cidade. Ela toca batoque nas horas livres por fazer parte de um coletivo de mulheres batoqueiras de Brasília. Além disso,

⁸ Personagens criados que tem por objetivo personificar o público-alvo ideal. Eles são utilizados para direcionar e criar as melhores estratégias para a empresa ou o produto.

	conhece as principais sambistas do cenário local. Brasiliense, moradora do Cruzeiro, e é formada em Pedagogia. Luciana é casada e não tem costume de ouvir <i>podcasts</i> , mas consome tudo que envolva o gênero musical do samba.
--	--

8.1.4 Escolha do nome

Assim como o tema, a escolha do nome foi um processo muito pessoal. O objetivo era ter algo curto, no gênero feminino e que se remetesse ao universo do samba. Nesse caso, o nome *Cuíca* encaixa em todas essas características mencionadas acima, mas também por ser um instrumento que tenho vontade de aprender a tocar.

Além disso, a cuíca é um tambor de fricção e de tessitura aguda, com som gerado por frequência irregular de vibrações por segundo, que produz entonações tímbricas não alinhadas ao sistema tonal. É um instrumento que permite a diversificação da altura de suas entonações a fim de construir frases e adornos melódicos em região aguda. Além de emitir sons bem criativos e únicos.

Outro aspecto interessante da cuíca é sua capacidade de expressar emoções e sensações de maneira única. Com variações na intensidade, velocidade e técnica de execução, é possível criar diferentes efeitos sonoros, desde um som mais suave e melódico até um som mais agudo e estridente. Essa capacidade de transmitir emoções torna a cuíca um instrumento muito utilizado em improvisações e solos, permitindo que os músicos expressem sua criatividade e personalidade.

Por fim, a cuíca também possui uma forte associação com a cultura brasileira, especialmente com o samba. Sua presença nas rodas de samba e desfiles de carnaval contribui para a identidade sonora dessas manifestações culturais.

8.1.5 Escolha do formato

Os podcasts podem ter diversos formatos, mas, sem dúvida, um dos mais populares é o formato entrevista em profundidade. O objetivo é receber em cada episódio um convidado que faça brilhar o seu conteúdo, abordando histórias de vida e aspectos detalhados de suas trajetórias. Dessa forma, a produção da *Cuíca* abraça o formato de entrevista, priorizando a informalidade da oralidade e a conexão entre entrevistadora-entrevistada-ouvinte,

construindo um **bate-papo intimista, fundamentado em pesquisa prévia, no conhecimento do tema, em um roteiro semi-estruturado e com a utilização de efeitos e ferramentas narrativas para a condução emocional da conversa**. Assim, na edição acrescenta-se músicas das rodas de samba, efeitos sonoros e citações indicadas pelas próprias entrevistadas. Durante a interlocução, busca-se também utilizar técnicas de narração, como o *storytelling*, visando aumentar as chances de retenção da atenção do ouvinte ao se criar uma construção de programa com rica descrição de histórias, sentimentos, ambientes e situações.

8.1.6 Duração e periodicidade

Por trabalhar com um único sentido humano, a audição, a ideia pré-estabelecida é a de que programas de rádio devam ser mais curtos, para não arriscar perder a atenção do ouvinte. Um estudo (2021) realizado pela Globo, em parceria com o Ibope, vai ao encontro dessa máxima. Segundo os dados apresentados, os *podcasts* mais procurados são aqueles com duração entre 15 e 45 minutos. Em relação ao consumo, boa parte dos entrevistados pela mesma pesquisa disseram ouvir podcasts, ao menos, três dias por semana e se mostraram mais atraídos por programas com linguagem informal e mais simples.

Por ser um *podcast* de entrevistas em profundidade, a ideia da *Cuíca* é fazer com que a entrevista seja uma conversa com muita troca e conexão. Sendo assim, a primeira gravação da *Cuíca* teve a duração de aproximadamente 45 minutos, algo que se espera replicar para os próximos episódios. Sobre a periodicidade, os ouvintes regulares de *podcasts* preferem conteúdos semanais ou quinzenais. Por isso, o programa terá episódios em intervalos regulares, com a tentativa de um episódio a cada 15 dias.

8.1.7 Estruturação das rotinas de produção

A Faculdade de Comunicação conta com um laboratório de rádio que possui todas as tecnologias necessárias para a produção de um bom *podcast* (microfones, cabine de captação, computadores, programas e edição e técnicos de laboratório para auxiliar em todo o processo de produção). Além disso, o Spotify lançou uma nova plataforma que auxilia produtores de *podcasts* iniciantes em todo o processo, o *Spotify for Podcasters* (versão atualizada do Anchor). Por meio dela, se torna possível gravar, editar e monetizar os conteúdos. A ferramenta também auxilia o novo produtor ao disponibilizar métricas de como o *podcast* está repercutindo, e como ele pode se desenvolver.

Com o fim da pandemia provocada pela covid-19, tornou-se possível utilizar a Faculdade de Comunicação e seus espaços de multimídia de forma presencial. Além disso,

convidei as entrevistadas para ir até a Universidade de Brasília, uma boa oportunidade para contato, contribuindo para a conversa fluir de uma forma melhor.

Após a pesquisa inicial e a confirmação do convite de participação das primeiras entrevistadas, foi escrito o primeiro esboço do roteiro. Depois, foi iniciada a pesquisa sonora e a montagem da biblioteca de sons para os efeitos do programa. Por fim, foi iniciado o processo de gravação e de edição do *podcast*.

8.2 Produção

Na produção, com tema e objetivos já definidos durante as reuniões de orientação, foram elaborados os tratamentos sonoros para os episódios, a gravação do roteiro e a definição mais detalhada da identidade visual que formou o portfólio das plataformas no programa. Por último, foi atualizado o cronograma das gravações.

8.2.1 Definição da pauta e pesquisa sobre a pauta

A proposta da *Cuíca* é trazer em cada episódio uma convidada diferente para falarmos sobre a sua trajetória dentro do universo do samba brasileiro. Desta forma, o *podcast* toca em temas que dizem respeito ao gênero musical do samba, mas também projetos autorais que essas sambistas fizeram e estão desenvolvendo ao longo de suas carreiras.

Antes das entrevistas, consegui realizar um trabalho de pesquisa e apuração sobre a vida das sambistas a fim de deixar as pautas juntamente ao roteiro personalizado para cada convidada. Portanto, para embasar as perguntas e entrevistas, foram abordados alguns pontos-chaves, que estão listados abaixo:

a) História

- Nome completo, idade, escolaridade, onde mora, com quem mora, estado civil, onde nasceu (se nasceu fora do DF, como veio parar na capital)

b) Vida profissional:

- Como começou no samba?
- O samba é sua atividade profissional principal?
- Conte um pouco das suas rotinas
- Detalhe suas atividades relacionadas ao samba
- O que o samba significa para você?
- Qual o seu sonho?

- Quais os principais desafios na sua trajetória de sambista?
- Como é o cenário do samba no Distrito Federal?
- Como é ser mulher sambista no Distrito Federal?
- Você se lembra de ter sofrido racismo, machismo e intolerância religiosa? Pode relatar algumas histórias?

c) Inspirações:

- Quais são suas inspirações no samba?
- Quais suas músicas preferidas?
- Você também compõe músicas?
- O samba é a cura do povo preto?

8.2.2 Definição das entrevistas e das entrevistadas

Assim que eu escolhi o tema do meu trabalho de conclusão de curso, eu já tinha em mente dois nomes que eu gostaria de entrevistar: Ane Êoketu e Fernanda Jacob. Por se tratar de um *podcast* que busca falar sobre a trajetória de figuras femininas negras no samba, eu optei convidá-las por uma questão de conexão, afinidade e representatividade ao vê-las cantarem pela primeira vez. Foram dois momentos bem especiais e eu não poderia deixar de fazer esse convite para elas participarem de um projeto tão importante para mim.

8.2.3 Escolha de elementos de sonoplastia

Optei por incluir nas entrevistas ferramentas sonoras que quebram a monotonicidade do bate-papo e criam um ambiente imersivo para o público. Por isso, foram selecionados trechos de músicas das quais as sambistas comentavam durante a entrevista. Os efeitos e trilhas sonoras foram colocados no roteiro e adicionados no processo de pós-produção. Para os episódios, os sons foram coletados na biblioteca do Youtube e, pessoalmente, no Samba do Buraco do Tatu.

8.2.4 Elaboração do roteiro

A chave para criar bons episódios está em saber como criar roteiro para podcast. Para elaborá-lo, é preciso pensar que ele é escrito para ser escutado. Além disso, estar preparado antes de cada gravação é um passo fundamental. Você deve organizar suas ideias, os tópicos que preparou e suas informações extras para se manter focado e ficar tranquilo enquanto

realiza o episódio. Uma vez que você sabe os tópicos que pretende explorar no episódio, fazer um bom roteiro para seu podcast é a melhor forma de se preparar.

A ideia é que ele seja um guia durante o andamento do episódio, recheado de tópicos com frases-chave que você considera importante para explorar de forma natural, como se fosse uma conversa.

Os roteiros devem ser construídos de forma que privilegie um sistema de narração e dê destaque para as falas dos entrevistados, que é o mais importante. Para isso, utilizou-se dados da história do samba, falas de outras cantoras e pesquisadoras desse gênero musical, momentos marcantes meus em relação às entrevistas. Também selecionei fatos que geram aproximação com o público do samba, sonoras e sons ambientes para prender a atenção do ouvinte e proporcionar uma condução emocional da história, como aponta Viana (2021).

O intuito das entrevistas e da participação com as sambistas é dar espaço e liberdade para elas contarem suas histórias dentro do universo musical do samba.

8.2.5 Testes e viabilidade dos recursos técnicos

Para a gravação das entrevistas com as meninas, foi utilizado o Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação, que conta com microfones e *softwares* adequados para cortes e efeitos.

Em relação à edição dos episódios, eu utilizei meu próprio telefone, um iPhone XR. Por meio do aplicativo Inshot, consegui fazer a adição da vinheta, descarte de alguns cortes, inclusão de trechos de música etc. Por já ter uma familiaridade com a interface do aplicativo, o trabalho de edição foi facilitado. Além disso, para alguns cortes foi necessário utilizar o programa Adobe Audition para a aprimoração da gravação e diminuição do ruído.

8.2.6 Identidade Visual

A identidade visual do produto foi realizada em conjunto com mais duas estudantes de Comunicação Organizacional: Ana Laura Barros e Clarissa Germano. O objetivo era que a identidade visual refletisse nas imagens de sambistas negras, mas que também passasse uma ideia de dinamicidade e identidade. Tanto a logo do projeto quanto a capa do *podcast* foram produzidas para remeter a imagem feminina no samba e conseguir chamar o ouvinte para participar e se divertir com o tema e com o programa.

Figura 5: Capa - MIV

Figura 6: Apresentação do *podcast* - MIV

Figura 7: Explicação do logotipo - MIV**Figura 8:** Versões em preto e branco do logotipo - MIV

Cuíca
Podcast

Cuíca
Podcast

Figura 9: Explicação tipografia - MIV

Tipografia

As tipografias foram selecionadas para trazerem impacto ao projeto. A Fido W01 Regular, utilizada para títulos e destaques, possui um maior peso visual por ser uma tipografia "bold". Já a Rubik Medium foi escolhida por não possuir serifa e deixar a escrita de textos longos mais agradável e equilibrada com os títulos.

TÍTULOS E DESTAQUES

Fido W01 Regular

Rubik Medium

TEXTOS



Figura 10: Explicação das cores - MIV

Paleta de cores

As cores presentes na colagem da artista **Cássia Roriz** foram utilizadas como referência para compor a paleta de cores da Cuíca. Além disso, foi acrescentada a cor roxa para o projeto.



#F36870 #16796F #F46C2B #522463

Fonte: Behance Cássia Roriz - Projeto Pessoal 2023

Figura 11: Explicação da textura - MIV**Figura 12:** Primeiras postagens do Instagram

Figura 13: Moodboard - MIV

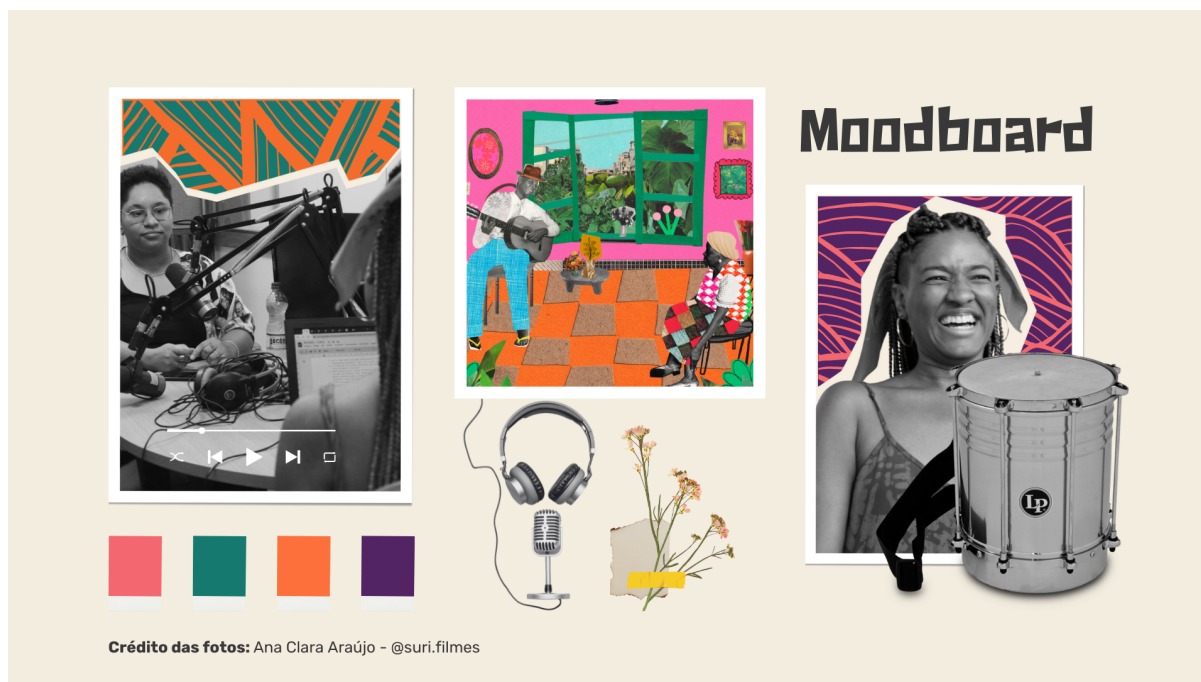


Figura 14: Interface plataforma Spotify for Podcasters - Anchor



Figura 15: Interface plataforma Spotify for Podcasters - Anchor

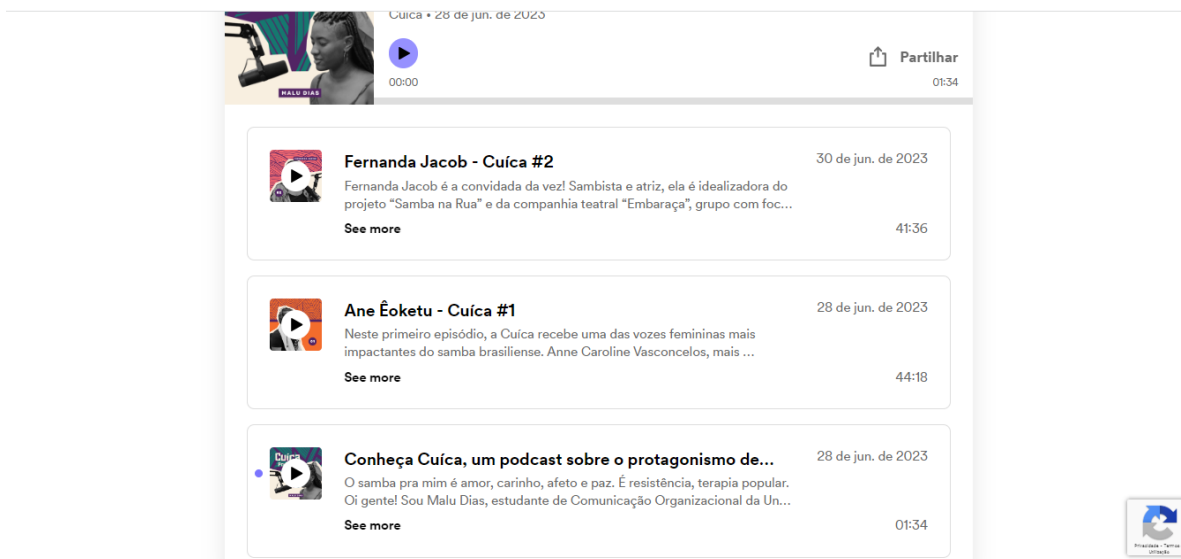


Figura 16: Interface da plataforma Spotify

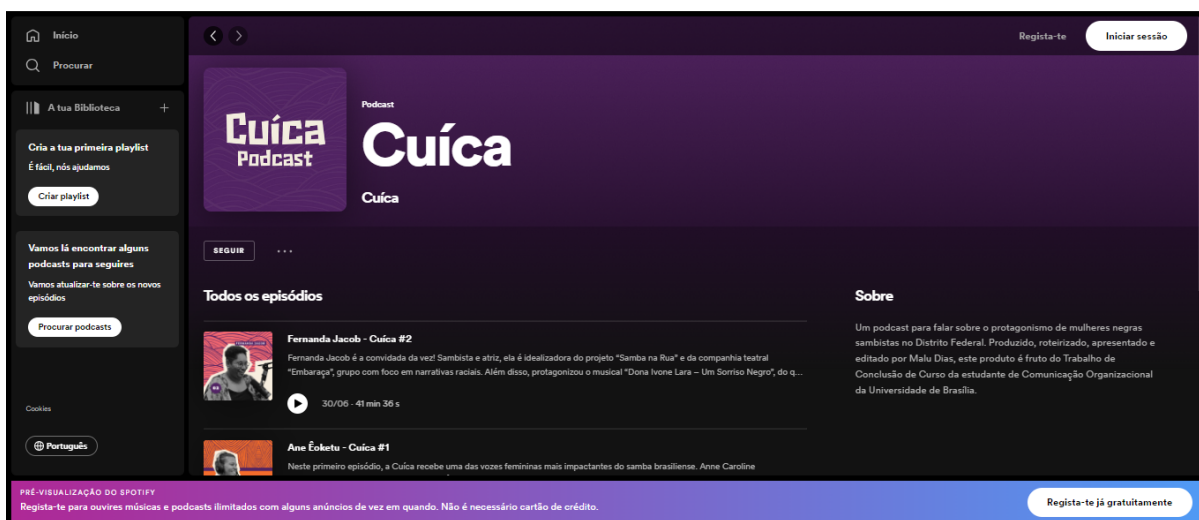
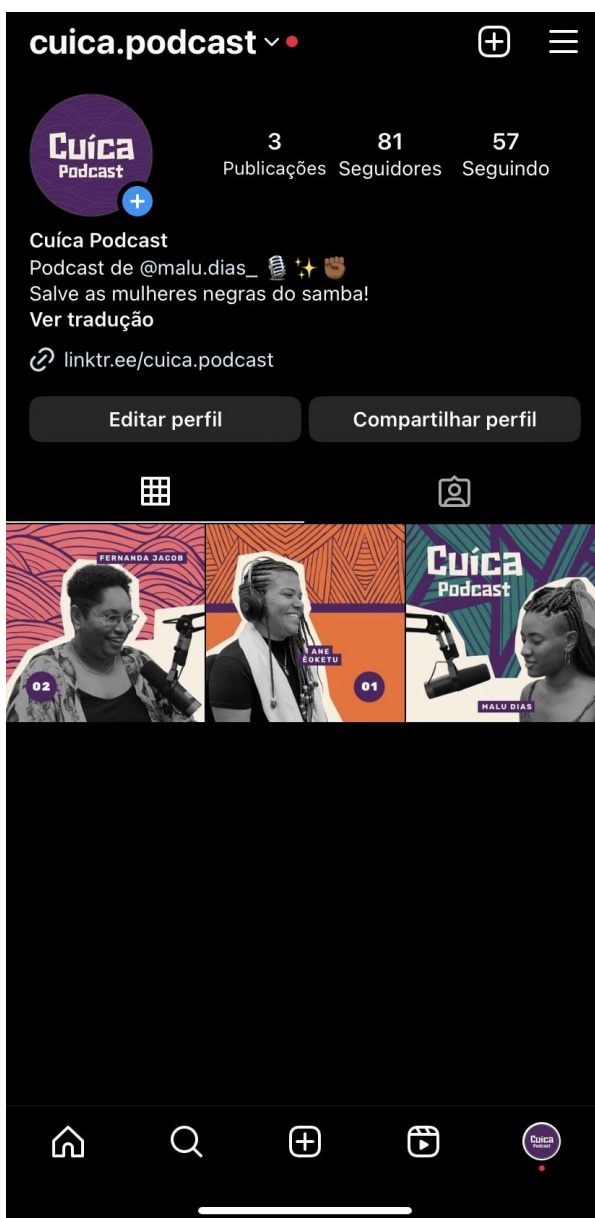


Figura 17: Interface do Instagram



8.3 Pós-produção

8.3.1 Edição

Depois de concluir a coleta de informações, pesquisas, entrevistas e gravações, a edição dos episódios foi feita por mim. Durante esse processo, adicionei elementos como vinhetas, sons ambiente e informações adicionais para enriquecer a experiência auditiva. Além disso, fiz ajustes e removi partes que não se encaixavam na narrativa final ou que apresentavam ruídos, garantindo a melhor qualidade de audição para os ouvintes.

Em algumas partes do *podcast*, tomei a decisão de não fazer o corte de falas mencionando datas ou referências temporais específicas justamente para não cortar trechos importantes. Acredito que a remoção desses detalhes poderia prejudicar a fluidez da conversa, visto que, meu objetivo era garantir que a conversa mantivesse um ritmo natural e que os ouvintes pudessem acompanhar o fluxo das informações.

8.3.2 Sonorização

Este é o momento em que foram feitas as inserções sonoras, como efeitos, trilhas, músicas, entre outros. O uso desses elementos transformam a produção e podem ser considerados a “alma” do *podcast*. Para o produto em questão, foram utilizados efeitos sonoros para criar uma atmosfera de samba. Por isso, foram adicionadas sons de cuíca (remeter ao nome do produto), batuques e outros instrumentos de percussão. Além disso, aproveitei que tinha alguns vídeos gravados das rodas de samba com as meninas cantando e extraí o áudio do vídeo para conseguir captar esse som. O objetivo aqui é trazer um ritmo agradável para o ouvinte.

8.3.3 Acessibilidade

Com o objetivo de tornar o conteúdo mais acessível para todos os públicos, inclusive para pessoas com deficiência visual e auditiva, foi feita a transcrição completa do roteiro final (ver anexo).

8.3.4 Publicação e distribuição

Com relação à divulgação do *podcast*, criou-se uma identidade visual para a marca *Cuíca* e um perfil para o programa nas redes sociais⁹, para ampliar o alcance do *podcast*.

⁹ https://www.instagram.com/cuica_podcast/

Com uma boa identidade visual e uma participação ativa nas redes, fica mais fácil criar um público fiel e cativo. Em primeiro momento, a distribuição do *podcast* deve ser resumida ao próprio Spotify, pois a tecnologia possui mecanismos para auxiliar a produção para iniciantes, como é o meu caso. Apesar de ser necessário pagar para ter assinatura *premium* no aplicativo, o que retira os anúncios e traz outros benefícios, ainda é possível acompanhar o conteúdo para aqueles que não querem ou não que não têm condições de pagar.

9. EPISÓDIOS

9.1 Temas, estruturas e proposta de episódios

*Trailer: Conheça a Cuíca, um podcast sobre o protagonismo de mulheres negras sambistas no Distrito Federal*¹⁰

O objetivo aqui era elaborar uma pequena apresentação do projeto no formato de trailer antes do episódios com cada entrevistada.

*Episódio 1: Ane Êoketu - Cuíca #1*¹¹

Neste primeiro episódio, a *Cuíca* recebe uma das vozes femininas mais impactantes do samba brasileiro. Anne Caroline Vasconcelos mais conhecida como Ane Êoketu, ela divide esse espaço com a gente para falar sobre a sua trajetória dentro do samba na capital federal. Alguns de seus trabalhos mais relevantes foram com a Banda Contém Dendê, no Bloco Essa Boquinha Eu Já Beije e o Projeto Take Lage. Recentemente lançou seu primeiro álbum: "Eu Já Passei Pelo Fogo".

*Episódio 2: Fernanda Jacob - Cuíca #2*¹²

Já no segundo episódio, Fernanda Jacob é a convidada da vez. Sambista e atriz, ela é idealizadora do projeto “Samba na Rua” e da companhia teatral “Embaraça”, grupo com foco em narrativas raciais. Além disso, protagonizou o musical “Dona Ivone Lara – Um Sorriso Negro”, do qual foi indicada ao prêmio Bibi Ferreira na categoria “Melhor atriz em musicais”.

10. CRONOGRAMA

Quadro 2: Cronograma

Período	Etapa
Abril	Apuração
Maio	Apuração

¹⁰ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2Cdjez37imoCIOghaP5Kzi?si=6744690ea78f4932>

¹¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7zGSTyWJ14AIlagrWTy1Y5?si=tskHFPafTlqzixJ6gq7gVQ>

¹² Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2OJ8U2s3sc0Gy0OwABsGn7?si=JzUGqgwOSaaY8iYxdPyf4g>

Maio	Produção do memorial
Maio	Produção dos roteiros
Junho	Gravação com Fernanda Jacob
Junho	Edição
Junho	Gravação com Ane Êoketu
Junho	Edição
Junho	Finalização do memorial
Junho	Edição e correções finais
Julho	Defesa

11. OBJETIVOS ALCANÇADOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, que compreende as etapas de pesquisa e de produção da *Cuíca* (além das reflexões teóricas e metodológicas provocadas por este memorial), visa criar um produto comunicativo que não existe ainda no mercado e que provê para um grande público um espaço que antes ele não tinha. O que se busca é refletir sobre o protagonismo de mulheres negras sambistas no Distrito Federal.

O objetivo é dar o verdadeiro reconhecimento a trajetória dessas mulheres que usam do samba, da música e de suas produções como artifício de transformação nesse campo em que habitam. Importante também ressaltar os projetos autorais criados por elas e a sua influência na cena cultural brasiliense. Cada vez mais em Brasília, podemos observar rodas de samba feitas e produzidas por mulheres pretas como o *Samba Na Rua*, projeto feito pela Ana Carolina Boquadi e Fernanda Jacob que evidencia a participação das mulheres negras na construção da cena de samba brasiliense e nacional, celebrando a obra de mulheres negras que foram (e ainda são) referência na história do samba. Outro projeto também como o *Samba Pras Moças*, evento criado para exaltar a essência, a força e a luta das mulheres.

No entanto, além do lado pessoal, ao criar e produzir um *podcast*, adquiri conhecimentos técnicos e científicos de mídias sonoras, aprendendo sobre técnicas de apuração, entrevista, edição, criação de roteiro e locução, recursos que serão utilizados para eu conseguir trabalhar e aprimorar cada vez mais a *Cuíca* nos seus próximos passos.

Os *podcasts* são cada vez mais ouvidos e aclamados pelo público. Como retrata Bonini (2015), o acesso aos smartphones, à internet móvel e às ferramentas de *streaming* foi facilitado, fundamentando o motivo da escolha do *podcast* como suporte para este produto. Por isso, a *Cuíca* me permite uma aproximação de um produto comunicativo, extremamente relevante e em alta dentro do campo da comunicação.

A escolha do *podcast* no formato de entrevista se deve pelo seu caráter dinâmico e mais aberto. Ao se basear em um roteiro pré-montado, os produtores de *podcasts* desta natureza conseguem estruturar melhor as ideias e garantir maior adesão do público ao que está sendo transmitido, proporcionando uma experiência única aos ouvintes. Com pesquisas, entrevistas, efeitos, músicas e silêncio é criado um vínculo entre a locutora, as entrevistadas e as ouvintes, e há quebra da monotonicidade de fala e da relação entre as partes envolvidas no processo. Além disso, o bate-papo no formato entrevista permite uma linguagem mais descontraída, mais aceita e procurada pelo grande público em geral. A opção pelo *podcast*, nos dias atuais, também garante maior interação e cria um novo ecossistema baseado em uma participação multimídia na internet.

Em relação ao tema do trabalho, procuro atingir com esse projeto um grande número de pessoas, principalmente mulheres que também tenham uma paixão muito forte pelo samba, seja ela musicista ou amante de uma boa roda de samba. O objetivo aqui é gerar maior identificação com essas mulheres, mas também promover uma aproximação entre os grandes talentos da cidade a partir de suas histórias contadas no *podcast*. Já diria a cantora Beth Carvalho: “o samba é revolucionário e democrata, você pode contar a história do Brasil através do samba...” e não tem como falar desse gênero musical sem relacionar com a figura feminina, que por muito tempo teve a sua história apagada.

Quando iniciei a elaboração deste trabalho, tomei como ponto de partida o estudo das histórias de mulheres do nosso samba, como Tia Ciata, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra, Leci Brandão e outras figuras do gênero, do nosso e de outros tempos. Como uma mulher negra, criada em Brasília, estudante de comunicação e amante do samba - seja no ambiente familiar, no público, na produção ou na roda de samba -, meu intuito com a *Cuíca* é conhecer, respeitar, reverenciar e resgatar a caminhada de mulheres negras que vieram antes de mim e que estão por vir dentro do universo musical brasileiro. Nesse ponto, resgato a declaração de Teresa Cristina:

O samba nasceu das mãos de uma mulher e foi tirado da nossa mão. Acho muito importante que a mulher volte a atuar no samba, em todos os setores, em todos os lugares. A reparação histórica empurra a gente para a frente. É muito bom fazer parte

disso. A mulher é protagonista porque o samba no Rio de Janeiro chegou pelas mãos de uma mulher. Esse protagonismo era dela. É pegar de volta o que já foi nosso (CRISTINA, 2022).

Com esta produção, tornou-se possível colocar os conhecimentos adquiridos durante a graduação em prática e aprimorá-los a ponto de serem técnicas familiares e cotidianas para a minha formação enquanto profissional. É preciso pensar também nas dificuldades e complexidades em se produzir um *podcast*, que implica a criação de um roteiro, de muita pesquisa prévia e de um estudo sobre o tema como um todo.

Eu enxergo o samba como sinônimo de ancestralidade. Quando a Fernanda Jacob diz “eu entendi o que era rezar cantando samba”, eu tenho essa mesma sensação ao estar presente numa roda. Por nascer escutando esse gênero musical, e querer estar presente nesses espaços de troca de resistência negra, para mim todo trabalho é muito gratificante. E, além disso, conseguir encontrar com mulheres negras que tocam, cantam e produzem esse trabalho é mais especial ainda. Com este trabalho, espero conseguir transmitir para os ouvintes um pouco deste amor e desta relação que me deu tanto prazer, alegria, amor, resistência e fé.

12. REFERÊNCIAS

AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro de; ARAÚJO, Maria Jovelina da Cruz Guimarães. **Como o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 impactou o consumo de podcasts no Brasil: uma análise de matérias jornalísticas nacionais**. 2021. 14 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Curso de Comunicação, Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, Recife, 2021 - Curso de Comunicação, Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, Recife, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26323/20875>. Acesso em: 06 jun. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS. **PodPesquisa**. 2019. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 06 de jun. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS. **PodPesquisa**. 2020/21. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em: 06 jun. 2023.

BAKKE, Raquel Rua Batista. **Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na música popular brasileira**. Relig. soc. vol 27 n.2 Rio de Janeiro Dec. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/GkCYxTZn5s4jHh8Y6NrLqDK/?lang=pt>. Acesso em: 06 de jul. 2023.

BANDEIRA, Messias. **Música e Cibercultura: o fonógrafo ao MP3 – digitalização e difusão de áudio através da internet e a repercussão da indústria fonográfica**. In: LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos (Orgs.). Janelas do ciberespaço – Comunicação e Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 205-219.

BARROS, J. **Quilombos: nasce uma nova escola de samba**. Jornal do Brasil. 17 Dezembro 1975, p. 10. Disponível em <http://www.portelaweb.com.br/candeia-especial/quilombos.htm>. Acesso em 10 de jun de 2023.

BARTHES, Roland. **Mitologias (9a. ed)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993 (1957).

BASTIDE, Roger. **Variations sur la Négritude**. In: Présence africaine. Paris: (36): 7-17, jan.- mar., 1961.

BENISTE, José. **Dicionário de yrubá-português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BERRY, Richard. Will the iPod Kill the Radio Star?: profiling podcasting as radio. 2006. 19 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Curso de Estudos de Rádio, University Of Sunderland, Sunderland, Reino Unido, 2006.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998

BHABHA, H. K. **O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência**. In: O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, 239-273.

BOBO, Jacqueline. **Black Women as Cultural Readers**. New York, Columbia University Press, 1995

BONINI, Tiziano. **A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo**. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BRASIL, Agência. Hélio Tremendani, da Aruc, testemunhou nascimento do samba em Brasília. Brasil, [S. I] 26 jan. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-02/helio-tremendani-da-aruc-testemunhou-nascimento-do-samba-em-brasilia>. Acesso em: 06 jul. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **O que é RSS**. Brasília: MMA, [2020]. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/o-que-e-rss.html>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRUNO, L. **Canto de Rainhas – o poder das mulheres que escreveram a história do samba**. [s.l.] Agir, 2021.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de Samba do Rio de Janeiro**. 2a edição. Rio de Janeiro, Lumiar Editora, 1996

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 382 f. Salvador. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012. Tese de Doutorado. Visto em: 10 Mar. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>

CARNEIRO, F. 2000. **Nossos passos vêm de longe**. In O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. (Orgs) J. Werneck, M. Mendonça e E. C. White. 22-41. Rio de Janeiro: Pallas: Criola.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Revista Racismos Contemporâneos, 2003a. Visto em: 10 Mar. 2023. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509702/mod_resource/content/0/14-Artigo-Enegrecer-o-feminismo-a-situa%C3%A7%C3%A3o-da-mulher-negra-na-Am%C3%A9rica-Latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-g%C3%AAnero.pdf

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Revista Estudos Avançados, v 17, n.49 (2003b). Visto em: 10 Mar 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt>

CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Tereza. **Mulher negra**. São Paulo, Conselho Estadual da Condição Feminina/Nobel, 1985.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006

CARVALHO, Alice Rezende. **“O samba, a opinião e outras bossas...na construção republicana do Brasil”**. In: CAVALCANTE, Berenice, STARLING, Heloísa, EISENBERG, José (org). Decantando a República – inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Volume I – Outras conversas sobre os jeitos da canção. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira; São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

CARVALHO, José Jorge; SEGATO, Rita Laura. **Sistemas Abertos E Territórios Fechados: Para Uma Nova Compreensão Das Interfaces Entre Música E Identidades Sociais: Série Antropológica**. Brasília, 2004.

CARVALHO, José Jorge. **Black music of all colors - The construction of black ethnicity in ritual and popular genres of afro-brazilian music**. Universidade de Brasília, 1993.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. Podcast. In: CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Universidade do Porto, 2021. Cap. 4. p. 48-62. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt>

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York, London, Routledge, 1991.

COLLINS, P. H. **Interseccionalidade as Critical Social Theory**. 1. ed. Durhan and London: Duke University Press, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, p. 139, 1989.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

CRENSHAW, K. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color**. Stanford Law Review, v. 43, p. 1241, 1991

DAVIS, Angela. **Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith, and Billie Holiday**. New York, Pantheon Books, 1998

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EXTRA, Redação. Pandemia provoca aceleração do consumo de podcasts no Brasil, revela pesquisa. **Extra**, [S. I]. 21 jul. 2021. Economia e Finanças. Disponível em:

<https://extra.globo.com/economia-e-financas/pandemia-provoca-aceleracao-do-consumo-de-podcasts-no-brasil-revela-pesquisa-25120095.html>. Acesso em 06 jul de 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANTINI, Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. Org. Benjamim Abdala Júnior. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 159-180.

FLORES, Elio Chaves. **Jacobinismo Negro: lutas políticas e práticas emancipatórias (1930- 1964)**. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil. A formação das tradições, 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.1.p. 493-537.

FRASER, Nancy. **Políticas feministas na era do conhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero**. BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Cristina (orgs.). São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.

FILOMENO, C. **As Mulheres no Samba**. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/05/mulheres-samba-ivone-lara-gal.htm>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

GERMANO, I. G. **O Preconceito na Capoeira**. In: PEREIRA, Lucia Regina (org) [et al]. *Negras Histórias no Rio Grande do Sul*. FAPERGS. Porto Alegre. 2002.

GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio de Janeiro**. 5a edição. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 2000

GILROY, Paul. **Atlântico Negro – Modernidade e Dupla Consciência**. São Paulo/Rios de Janeiro, Editora 34/ UCAM, 2001

GILROY, Paul. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. Trad. Célia Maria Marinho de Azevedo et al. 1ª Edição. São Paulo: Annablume, 2007.

GONZÁLEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: LUZ, Madel T. (org.). *O Lugar da Mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982

GONZALEZ, Lélia. **Mulher negra**. In *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Em: HOLLANDA, Heloísa Buarque De; VAREJÃO, Adriana (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. a. p. 42–57.

HACK, Aline. **200 podcasts com mulheres podcasters - Olhares Podcast**. 2019. Disponível em: <https://olharespodcast.com.br/200-podcasts-com-mulheres-podcasters/>.

Acesso em: 3 abr. 2023.

HACK, A.; LIMA, A. P. de . **Militância Podcaster Feminista:: Um Exercício Etnográfico** . Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 340–360, 2022. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27951. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27951. Acesso em: 6 jul. 2023.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização: Liv Sovik. Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília, UNESCO, 2003.

HOOKS, bell. **Erguer A Voz; Pensar Como Feminista, Pensar Como Negra**. S.L.: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019a. ISBN 97-885-273-1166-3

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. **Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos**. Radio-fonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 06 - 12, jan./abr. 2020.

KYRILLOS, G. M. **Os Direitos Humanos das Mulheres no Brasil a partir de uma Análise Interseccional de gênero e raça sobre a Eficácia da Convenção para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW)**. Tese—Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Direito. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

KYRILLOS, G. M. **Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade**. Revista Estudos Feministas, v. 28, n. 1, 2020.

LIMA, Márcia. **"Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras brasileiras"**. Revista Estudos Feministas. IFCS/UFRJ, vol. 3, n. 2, 1995.

LOPES, Antônio Herculano. **O teatro de revista e a identidade carioca**. In: LOPES, Antônio Herculano (org). Entre Europa e África: a invenção do carioca. Rio de Janeiro, Topbooks e Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.

LOPES, Nei. **A presença africana na música popular brasileira**. Revista Espaço Acadêmico – N 50 - Julho/2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/050/50clopes.htm>. Acesso em 10 de junho de 2023.

LOPES, Helena Theodoro, SIQUEIRA, José Jorge e NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Negro e Cultura no Brasil – Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, INIBRADE, 1987.

LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical**. Partido-alto, calango, chula e outras cantorias. Rio de Janeiro, Pallas, 1992.

LOPES, N.; LUIZ ANTONIO SIMAS. **Dicionário da história social do samba**. [s.l.] Editora José Olympio, 2015.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. ISBN 978-8551304341

LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. In: **Sisters Outsiders**, 1984. Trad. Tatiana Nascimento dos Santos.

LOUREIRO, Juliano. Principais formatos de áudio para um podcast. In: Bingo - Conteúdos Literários. **Pod Ler e Escrever**. [S. l.], 23 abr. 2022. Disponível em: <https://www.podlereescrever.com.br/principais-formatos-de-audio-para-um-podcast#:~:text=%20O%20melhor%20formato%20de%20%C3%A1udio%20para%20grava%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20podcast&text=Geralmente%20os%20formatos%20MP3%20e,tem%20com%20pacta%C3%A7%C3%A3o%20ficam%20grandes%20demais>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra em tempos pós-modernos**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MEDEIROS, Fernanda Teixeira de e TRAVASSOS, Elizabeth (orgs.). **Ao encontro da palavra cantada: poesia, música e voz**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2001.

MENESCAL, Roberto. **A renovação estética da Bossa Nova**. In: DUARTE, Paulo Sérgio e NAVES, Santuza Cambraia (eds.). Do samba-canção à tropicália. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 56 - 62.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, Roberto. **TIA CIATA e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª edição — Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

MILES, Rosalind. **A História do Mundo pela Mulher**. Rio de Janeiro, LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda/ Casa-Maria Editorial, 1989.

OLIVEIRA, Eduardo, de. **Quem é quem na negritude brasileira**, vol. 1. São Paulo, Congresso Nacional Afro-Brasileiro, Brasília, Secretaria Nacional de Direitos Humanos, 1998.

PADILHA, Laura Cavalcante. Silêncios rompidos. In: **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 (Memórias das Letras, 10) e Lisboa: Imbondeiro, 2002.

PÉREZ, Juan Ignacio Gallego. **Podcasting: Distribución de contenidos sonoros y nuevas formas de negocio en la empresa radiofónica española**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010. 488 f. Tese de Doutorado.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Revista do Mestrado da Comunicação UFRGS**, Porto Alegre, v. 2, n. 12, p. 1-23, dez. 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26568?show=full>. Acesso em: 04 jun. 2023.

RIBEIRO, D. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista internacional de direitos humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. [s.l.] Editora Jandaira, 2020.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço Decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917 – 1933**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora/ Editora UFRJ, 2001.

SANTOS, Olimpia Maria dos. **O Grito Negro e a Voz Feminina de Noémia de Sousa em busca da fraternidade e das raízes africanas ancestrais**. In: SECCO, Carmen Lúcia; CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda; SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África & Brasil: Letras em Laços, Volume 2**. Yedis Editora, p. 246-260, São Caetano do Sul, 2010.

SIQUEIRA, Magno Bissoli. **Caixa preta: samba e identidade nacional na era Vargas - impacto do samba na formação da identidade na sociedade industrial 1916-1945. 2004**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. . Acesso em: 08 jul. 2023.

SOARES, Gabriel Fernando Lima. **Manoel Brigadeiro: o rei do samba: caminhos do pós-abolição na trajetória de um sambista negro do Rio de Janeiro no Distrito Federal (1922-2015)**. 2020. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

TEÓFILO VIEIRA SANTOS CAVALCANTE, A.; REIS, A. I. **A influência do feminismo negro na podosfera brasileira**. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 13, n. 1, p. 97-127, 21 dez. 2022.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 1996.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, [S. l.], v. 16, n. 31, 2021. DOI: 10.34629/cpublica.72. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72>. Acesso em: 8 jul. 2023.

VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ, 1995.

VIVA, R. **Roda Viva | Jurema Werneck | 17/05/2021**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBfvhkDRGac>. Acesso em: 6 jun. 2023.

VRIKKI, Photini.; MALIK, Sarita. Voicing lived-experience and anti-racism: podcasting as a space at the margins for subaltern counterpublics. **Popular Communication**. [Em linha]. Vol. 17, n.º 4 (2019), p. 273-287, Visto em: 15 Mai. 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15405702.2019.1622116?scroll=top&nee>

dAccess=true

WERNECK J. 2007. **O Samba Segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática**. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

13. ANEXOS

**TRANSCRIÇÃO ACESSÍVEL DO PRIMEIRO EPISÓDIO DO *PODCAST*
CUÍCA**

Podcast Cuíca - com Maria Luísa Dias

Episódio 1 - Piloto	
Tema	Entrevista com Ane Êoketu
Pesquisa, Roteiro e Apresentação	Maria Luísa Dias
Duração: 44 minutos e 18 segundos	
Local de Gravação	Laboratório de Áudio da FAC/UnB
Orientação	Prof. Dra. Gisele Oliveira Pimenta

[TRILHA DE INTRODUÇÃO]

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA, MULHER, JOVEM, INICIA O EPISÓDIO]

BOM... MINHA CONVIDADA DE HOJE É NATURAL DE ARACAJU, SERGIPE. MÃE DO FÁBIO HENRIQUE JÚNIOR, “O SOLZINHO CARAMELO”. PARA QUEM ACOMPANHA OS SAMBAS DE BRASÍLIA, JÁ A CONHECE PELA SUA POTÊNCIA, PRESENÇA DE PALCO E CONTRIBUIÇÃO PARA A CULTURA LOCAL. ARTISTA, COMPOSITORA, PERCUSSIONISTA - COM MAIS DE DEZ ANOS DE CARREIRA ELA JÁ PULOU CARNAVAL TOCANDO NO BLOCO “ESSA BOQUINHA EU JÁ BEIJEI” E TAMBÉM PARTICIPOU DO GRUPO CONTÉM DENDÊ.

POR FAVOR, RECEBEM ANE EOKÊTU!

ANE, É UM PRAZER IMENSO DIVIDIR ESSE ESPAÇO COM VOCÊ! MUITO FELIZ QUE VOCÊ TOPOU PARTICIPAR DA CUÍCA.

E PRA GENTE COMEÇAR, EU QUERIA ENTENDER PRIMEIRO COMO QUE VOCÊ VEIO PARAR AQUI EM BRASÍLIA? COM QUANTOS ANOS VOCÊS TINHA? COMO QUE ACONTECEU ESSA MUDANÇA DE ARACAJU PRA CÁ?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA, MULHER, JOVEM]

BOM! MINHA VINDA PARA EM BRASÍLIA TEM MUITO A VER COM ESSA HISTÓRIA MESMO DA FAMÍLIA PROCURANDO UM MEIO DE VIDA MESMO, NÉ! AQUELA VELHA HISTÓRIA DE VIM PROCURAR TRABALHO, VIM EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR.

OS MEUS PAIS NESSA SAGA ALI DO NORDESTE DE POUCO TRABALHO, VIERAM PARA BRASÍLIA EM BUSCA DISSO ASSIM, DE PROCURAR DAR UMA QUALIDADE DE VIDA MELHOR PARA GENTE. E EM NOVENTA E SEIS, MAIS OU MENOS, EU TINHA UNS SEIS ANOS... NÓS NOS MUDAMOS PARA BRASÍLIA, ENTÃO EU TIVE ALI UMA PRIMEIRA INFÂNCIA AINDA EM SERGIPE, EM ARACAJU. E MAIS OU MENOS EM NOVENTA E SEIS NÓS NOS MUDAMOS PARA CÁ, NÓS MORAMOS EM CEILÂNDIA POR ALGUNS ANOS E LOGO EM SEGUIDA EU FUI PARA SÃO SEBASTIÃO.

QUANDO CHEGAMOS AINDA ERA AGROVILA, NÉ! AGROVILA - SÃO SEBASTIÃO, AINDA NÃO ERA SÃO SEBASTIÃO. NÃO EXISTIA NADA ALI, SÓ MATO E MUITA INVASÃO, MUITO BARRACO. A GALERA CHEGANDO E ASSIM EU CHEGO EM BRASÍLIA, NÉ! NUMA SITUAÇÃO ALI DE MORAR NO BARRAQUINHO MEIO IMPROVISADO, NÉ! POUCOS CÔMODOS, TODO MUNDO JUNTO EU MINHA MÃE E MEU PAI MEU IRMÃO E FOMOS A VIDA FOI SE AJEITANDO DESSA FORMA, NÉ!

MEU PAI SEMPRE FOI COMERCIANTE MINHA MÃE PROFESSORA E ASSIM A GENTE FOI ASSIM SE ESTABILIZANDO AQUI NA CIDADE

[SOM DA CUÍCA]

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E COMO QUE ACONTECEU O SEU PRIMEIRO CONTATO COM A MÚSICA?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

MEU PRIMEIRO CONTATO COM A MÚSICA FOI DENTRO DA CAPOEIRA. EU PRATIQUEI CAPOEIRA A MINHA INFÂNCIA INTEIRA ASSIM, EU ERA FASCINADA POR CAPOEIRA DESDE SEMPRE ASSIM - EU ATÉ ME ARREPIO QUANDO EU COMEÇO A FALAR.

PORQUE ERA UMA COISA MUITO FORTE PRA MIM, E MINHA MÃE... EU SEMPRE GOSTEI MUITO DE ESPORTE E MINHA MÃE SEMPRE QUIS QUE EU FIZESSE ALGUMA COISA, NÉ! ELA TENTOU QUE EU FIZESSE GINÁSTICA OLÍMPICA, TENOU QUE EU FIZESSE BALLET, MAS EU SEMPRE TIVE UMA COISA COM CAPOEIRA E AÍ QUE EU COMECEI A FAZER CAPOEIRA E ALÍ, FOI MEU PRIMEIRO CONTATO COM MÚSICA, COM A MÚSICA CANTADA, COM A MÚSICA EM PERCUSSÃO, COM A EXPRESSÃO CORPORAL, COM A DANÇA COM A LUTA DANÇADA, NÉ! ENTÃO PARA MINHA PRIMEIRA ESCOLA... FOI A MINHA PRIMEIRA ESCOLA.

DENTRO DA CAPOEIRA TEM VÁRIAS VERTENTES, NÉ! TEM O MACULELÊ, TEM A CAPOEIRA DE ANGOLA, TEM A CAPOEIRA REGIONAL E TEM O SAMBA DE RODA DENTRO DA CAPOEIRA TAMBÉM. ENTÃO, EU JÁ... EU JÁ... ENTÃO OS MEUS PRIMEIROS TOQUES DE SAMBA, EU APRENDI DENTRO DA CAPOEIRA.

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

VOCÊ TINHA QUANTOS ANOS MAIS OU MENOS?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

EU FIZ CAPOEIRA, SE EU NÃO ME ENGADO, DOS DEZ AOS QUINZE ANOS. EU COMECEI A FAZER CAPOEIRA EU ERA PEQUENA, E ERA TÃO VICIADA QUE A CAPOEIRA ERA A FORMA DA MINHA MÃE, DE ACHAR O MEU PONTO FRACO. SE EU APRONTASSE ALGUMA COISA, ELA ME AMEAÇAVA ASSIM “VOU TE TIRAR DA CAPOEIRA”. ENTÃO ERA MEIO QUE O MEU PONTO FRACO, EU ADORAVA, ERA MUITO VICIADA.

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E FALANDO SOBRE MÚSICA, EU RECENTEMENTE EU VI UM DOCUMENTÁRIO QUE E FALAVA SOBRE A VIVÊNCIA DE MULHERES DENTRO DA INDÚSTRIA DA MÚSICA, PRINCIPALMENTE DA PRODUÇÃO MUSICAL DE MULHERES PRETAS E UMA PARTE QUE ME TOCOU MUITO FOI QUANDO ELAS FALARAM SOBRE ESSA QUESTÃO DESSAS MULHERES SE RECONHECEREM, SE IDENTIFICAREM, DE SE VEREM UMA NAS OUTRAS, DE COLOCAREM MÃO NA MASSA E DE FAZEREM O “ROLÊ” ACONTECER E PARTIREM PARA A PRODUÇÃO DE SEUS PROJETOS.

E TEVE UMA FRASE QUE ELAS FALAM QUE É ASSIM: “NÓS MULHERES NEGRAS, SOMOS MOVIDAS POR ANCESTRALIDADE, PARECE QUE A GENTE SE RECONHECE...”

E AÍ, DENTRO DOS COLETIVOS NÉ QUE VOCÊ PARTICIPOU ALÉM DO ESSA BOQUINHA EU JÁ BEIJEI E TEVE TAMBÉM A BANDA CONTÉM DENDÊ - COM VOCÊ, FERNANDA, LARISSA, BRUNA, SAM E LETÍCIA. E AÍ UMA BANDA FORMADA POR MULHERES PRETAS, ARTISTAS NÉ? E EU QUERIA SABER COMO QUE FOI PARA VOCÊ ESSE SENTIMENTO DE TER PARTICIPADO DESSA BANDA JUNTO COM AS MENINAS E COMO QUE VOCÊ ENXERGA TAMBÉM A IMPORTÂNCIA DESSES COLETIVOS ASSIM?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIM! A CONTÉM DENDÊ PRA MIM ATÉ HOJE, ELA FOI UM DOS PROJETOS MAIS IMPORTANTES, NÉ! DE TODA ESSA TRAJETÓRIA, DE TODA ESSA CAMINHADA. PORQUE ALÍ, FOI A PRIMEIRA VEZ QUE EU ME SENTI EM CASA, QUE EU ME SENTIA VONTADE, NÉ!

FOI O PRIMEIRO PROJETO QUE EU COMECEI A OUSAR COMO CANTORA, NÉ! EU FUI PARA UM “FRONT” ALÍ JUNTO COM LETÍCIA, JUNTO COM SAM, JUNTO COM FERNANDA JACOB E COMECEI A CANTAR, E COMECEI A ESCUTAR A MINHA PRÓPRIA VOZ. UM VOZ QUE EU NEM CONHECIA, NÉ!

E ISSO ERA TÃO FORTE, ESSE SENTIMENTO DE ESTAR EM CASA, DE ESTAR EM FAMÍLIA, DE ESTAR COM AS MINHAS, QUE A GENTE ÀS VEZES NÃO

CONSEGUIA NEM TRABALHAR, A GENTE SÓ QUERIA BRINCAR, A GENTE SÓ QUERIA CURTIR UMAS ÀS OUTRAS, ERA MUITA PALHAÇADA, ERA MUITA CURTIÇÃO ASSIM, E ÀS VEZES UMA OU OUTRA - LARISSA GERALMENTE SEMPRE ATERRAVA A GENTE ASSIM: “GALERA, A CONTÉM DENDÊ TÁ FICANDO UMA COISA SÉRIA, VAMOS TRABALHAR!”

SACA? PORQUE ERA UMA COISA QUE A GENTE NÃO ENCONTRAVA EM NENHUM OUTRO LUGAR, SABE? DE FATO, A GENTE SE OLHAVA E A GENTE SE VIA UMA NAS OUTRAS.

ENTÃO A CONTÉM DENDÊ, FOI ESSE PRIMEIRO LUGAR ONDE EU ME EXPERIMENTEI ENQUANTO CANTORA E ERA OK, NÉ? ERA MASSA! EU NÃO TINHA MEDO DE SER JULGADA, EU NÃO TINHA MEDO DE CANTAR ERRADO, POR SER ALGUÉM INEXPERIENTE, NÉ! E EU FUI TATEANDO ESSE LUGAR, ATÉ TAMBÉM EU COMEÇAR A REVELAR MINHAS COISAS DE COMPOSITORA.

TAMBÉM FOI O PRIMEIRO LUGAR ONDE EU ME SENTI À VONTADE PARA EU MOSTRAR AS MINHAS COMPOSIÇÕES, SABE?

ENTÃO, ESSE LANCE DE VOCÊ ESTAR ENTRE AS MANAS PRETAS - DE FATO FAZ UMA DIFERENÇA MUITO FORTE ASSIM, POR TUDO, NÉ! PELAS NARRATIVAS, PELA FORMA COMO A GENTE VIVE ESSA VIDA, COMO A GENTE PASSA, COMO A GENTE ATRAVESSA ESSA VIDA E AS COISAS QUE NOS ATRAVESSAM TAMBÉM, QUE SÃO HISTÓRIAS QUE SE CONVERGEM, NÉ! SÃO HISTÓRIAS QUE... UMA CONTA A HISTÓRIA DA OUTRA, ASSIM... É MUITO FORTE!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E UMA SE IDENTIFICA COM A OUTRA TAMBÉM, NÉ? É UM ESPAÇO SEM JULGAMENTOS.

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

É ISSO!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

É UM ESPAÇO PARA VOCÊS CONTAREM, COMPARTILHAREM, TROCAREM, SE IDENTIFICAREM, É MUITO PODEROSO...

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIM! A CONTÉM DENDÊ, ELA ME DEU ESSAS... AS FERRAMENTAS QUE HOJE EU PEGO E EU CONSIGO FAZER A MINHA PRODUÇÃO INDEPENDENTE. SE EU TENHO ESSA AUDÁCIA DE CHEGAR E PRODUZIR UM ÁLBUM, INDEPENDENTE, SOZINHA...SOZINHA ENTRE ASPAS PORQUE A GENTE NÃO FAZ NADA SOZINHO MAS DE TER ESSA OUSADIA, VEM MUITO DA CONTÉM DENDÊ. QUE ME DEU ESSA... QUE ME ALIMENTOU, QUE ME NUTRIU ASSIM, COM ESSA BASE MUITO BOA ASSIM, E ME FEZ ENTENDER QUE É POSSÍVEL... É POSSÍVEL!

PORQUE EU OLHAVA PARA O LADO, EU TINHA A LARISSA UMATÁ - QUE É UM FOGUETE GIGANTE. EU FALEI: “É POSSÍVEL!”.

OLHAVA PARA O OUTRO TINHA SAM DEFOR, FERNANDA JACOB E LETÍCIA FIALHO, E EU FALAVA: “É POSSÍVEL!” ENTÃO EU VOU, SACA?

ENTÃO A CONTÉM DENDÊ É MUITO IMPORTANTE PARA MIM POR CONTA DISSO ASSIM, ME FEZ PEGAR ESSAS FERRAMENTAS E ACREDITAR...

[SOM CUÍCA]

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

IMAGINO... EU ESTAVA DANDO UMA OLHADA... E VOCÊ É PISCIANA, NÉ?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIIIIIM... COM ASCENDENTE EM ÁRIES - NÃO SE ENGANE!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

VOCÊ NASCEU NO DIA 26 DE FEVEREIRO, CERTO? DE 1990

E ATÉ ANO PASSADO, ESTAVA OLHANDO QUE VOCÊ USAVA O SEU NOME DE BATISMO, NÉ? QUE É ANNE CAROLINE VASCONCELOS, COM DOIS ENES

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

ISSO!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

COMO QUE SURTIU ANE ÊOKETU?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

MENINA... ENTÃO! QUANDO EU COMECEI, NÉ...QUANDO EU EMERGI NESSE PROCESSO DE GRAVAR O ALBÚM, NÉ... DE TER ESSE TRABALHO AUTORAL, EU PARTICIPEI DE ALGUNS CONGRESSOS DE MÚSICA, COM VÁRIOS PRODUTORES E TODOS PROBLEMATIZARAM A QUESTÃO DO MEU NOME.

EU USAVA O “ANNE CAROLINE VASCONCELOS” COMO AUTORAL. POR QUÊ?

PORQUE JÁ EXISTE UMA ANE CAROL, JÁ EXISTE UMA ANE VASCONCELOS

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

JÁ EXISTIAM TODAS AS POSSIBILIDADES, NÉ!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

É! A GALERA JÁ ESTAVA USANDO TODOS OS FORMATOS POSSÍVEIS DO MEU NOME. SÓ QUE “ANNE CAROLINE VASCONCELOS” NÃO É NADA COMERCIAL, É UM NOME MUITO GRANDE.

O PRODUTOR CHEGOU PRA MIM E FALOU: “UAI, MINHA FILHA! VOCÊ ESTÁ DANDO SEU CPF E RG NO PALCO COM ESSE NOME GIGANTE ASSIM...”

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

MEU DEUS!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

É! MUITO GRANDE E TALS... “COMECE A PENSAR EM UM NOME AÍ”

E AÍ, EU ENTREI EM PALA ASSIM.EU FIQUEI: “POXA, O QUE EU POSSO FAZER MANO...”

E ISSO, O NOME DA GENTE JÁ CARREGA UMA PRESENÇA. POXA, EU JÁ SEI QUEM EU SOU SENDO ESSA AQUI QUE EU SOU, SABE? E SE EU MUDAR DE NOME, O QUE VAI ACONTECER? COMO QUE VAI SER, NÉ?

E AÍ, TÁ! EU ENTREI NUMA PIRA MESMO, NUMA CRISE POR CONTA DESSE NOME, MAS COMECEI A PENSAR, A PESQUISAR ALI COM OS AMIGOS E AÍ, EU ENTREI MUITO NESSA PARTE DA QUESTÃO RELIGIOSA, DO CANDOMBLÉ.

EU SOU DE CANDOMBLÉ E MEU ORIXÁ É OXÓSSI, QUE É O REI DE KETU, NÉ!

E, AÍ! EU FALEI: “CARA, E AÍ! SE EU ENVOLVER ALGUMA COISA COM ISSO MAS NÃO SEI SE PODE SER ALGUMA APROPRIAÇÃO MEIO ERRADA, MEIO PAIA”PORQUE É ISSO

KETU É UM POVO, NÉ! E É UM POVO VIVO ATÉ HOJE, NÃO É SÓ UMA QUESTÃO ESPIRITUAL E TUDO MAIS. E AÍ,EU COMECEI A VIAJAR NESSE NOME “KETU”.

“ANE-KETU, ANE...”

E AÍ EU, TÁ!

PODE SER UMA COISA ASSIM: “ANE E MAIS ALGUÉM, ANE E O KETU, ANE E ESSE POVO ASSIM”

ENTÃO EU CHAMO ESSA PRESENÇA DESSE POVO COMIGO

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

VOCÊ E ELES VÃO JUNTOS...

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

E ELES JUNTOS!

ASSIM, NÉ! MAS COM MUITA REVERÊNCIA! E AÍ, O QUE ACONTECEU - EU FUI EM BUSCA MESMO DOS ORÁCULOS, EU FUI JOGAR BÚZIOS, EU FUI JOGAR TAROT, EU FIZ NUMEROLOGIA.

E AÍ, TODAS AS RESPOSTAS VINHAM IGUAL! ASSIM, AS RESPOSTAS DE TODOS OS ORÁCULOS ERAM IGUAIS

“ANE, ESSE NOME AQUI - SAIBA QUE TEM MUITA RESPONSABILIDADE POR TRÁS DELE, NÃO É PARA VOCÊ BRINCAR COM ISSO AQUI. MAS TÁ TUDO BEM, VAI, QUE TÁ TUDO BEM, NÉ!”

E AÍ, O LANCE DO N

PORQUE MEU NOME É COM NN

FOI POR CONTA DA NUMEROLOGIA LÁ QUE DEU QUE SERIA MELHOR...QUE OS DESAFIOS SERIAM MELHOR, SERIAM MAIS FAVORÁVEIS A MIM - SE EU TIRASSE, SE EU FICASSE COM UM N SÓ

E AÍ, EU FALEI: “VELHO, JÁ ESTOU NA ÁGUA! VOU ME MOLHAR!”

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

MAS É UM NOME QUE COMBINA MUITO COM VOCÊ. É UM NOME MUITO FORTE!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIM! EU GOSTO. EU GOSTEI TAMBÉM

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E A PARTIR DO MOMENTO EM QUE VOCÊ VOCÊ SE APRESENTA COMO ANE ÊOKETU, VOCÊ LANÇA TAMBÉM O SEU ÁLBUM “EU JÁ PASSEI PELO FOGO”. VOCÊ LANÇOU EM FEVEREIRO DE 2023, NÉ?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

ISSO!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E COMO QUE FOI PASSAR PELO FOGO? TODA ESSA TRAJETÓRIA... COMO QUE SURTIU ESSA IDEIA? DE UM PROJETO TÃO BELÍSSIMO, AUTORAL, BRASILEIRO E MUITO RICO, NÉ! EM ANCESTRALIDADE...

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIM! OLHA... PASSAR PELO FOGO NÃO É NADA CONFORTÁVEL, GENTE... É DIFÍCIL, MAS QUANDO A GENTE SAI DE LÁ, A GENTE SAIU OUTRO ASSIM...

DE FATO É TRANSFORMAR, NÉ! O “EU JÁ PASSEI PELO FOGO” FALA DE TRANSFORMAÇÃO ASSIM. EU COMECEI A ELABORAR ESSE PROJETO DURANTE A PANDEMIA, EM 2020 EU COMECEI ESCREVER AS COISAS , A TER OS *INSIGHTS*, A TER AS IDEIAS, ENTÃO FOI UM ANO CAÓTICO PARA TODO MUNDO, CADA UM NO SEU CAOS, FOI UM ANO - FOI UM ANO EM QUE SE ESCANCAROU OS ABISMOS, TANTOS OS ABISMOS SOCIAIS QUANTO OS ABISMOS EMOCIONAIS, NÉ!

ENTÃO... EU TAVA MUITO DENTRO, EU TIVE ESSE PRIVILÉGIO DE PODER ME CUIDAR DENTRO DE CASA, MAS A GENTE NÃO SE DESCONECTA DO QUE ESTÁ ACONTECENDO EM VOLTA.

ENTÃO EU COMECEI A PENSAR NESSE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA, DURANTE TAMBÉM A TODO AQUELE CAOS POLÍTICO QUE ESTÁVAMOS PASSANDO E EU TINHA ACABADO DE COMPLETAR MEUS TRINTA ANOS.

COMO VOCÊ FALOU, EU NASCI DIA 26 DE FEVEREIRO - EU NASCI NUMA SEGUNDA-FEIRA DE CARNAVAL, COMPLETEI TRINTA ANOS NUMA QUARTA-FEIRA DE CARNAVAL, QUARTA-FEIRA DE CINZAS...ENTÃO, “JÁ ESTAVA NASCIDA”...JÁ TINHA PASSADO PELO FOGO TOTALMENTE. E EU FALEI: “CARA... ISSO AQUI QUER DIZER ALGUMA COISA, ISSO AQUI ESTÁ ME GRITANDO PARA ALGUMA COISA, E EU VOU ENTRAR NISSO AQUI.”

ENTÃO, VINHA O ELEMENTO DO FOGO MUITO FORTE, COMECEI POR ESSE ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO - COMECEI A LER ESSE ELEMENTO DE TECNOLOGIA - PORQUE O FOGO AVANÇA A GENTE A MUITOS LUGARES, COMO SERES HUMANOS TAMBÉM.

E AÍ, EU ENTREI NESSA ONDA DE TRANSFORMAÇÃO. TANTO ÍNTIMA QUANTO DO MUNDO E EM VOLTA E ASSIM NASCEU O “EU JÁ PASSEI PELO FOGO”.

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E... “ERA TUDO FANTASIA”, EU CONFESSO QUE A MINHA FAIXA PREFERIDA (DO ÁLBUM) E VOCÊ CANTA JUNTO COM A FERNANDA QUAL FOI ESSE SENTIMENTO DE DIVIDIR ESSA CANÇÃO JUNTO COM OUTRA MULHER PRETA E PRINCIPALMENTE COM ELA, NÉ! PORQUE VOCÊS DUAS SÃO MUITO PRÓXIMAS

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIIIIIM! A FERNANDA QUE ME APRESENTOU ESSA CANÇÃO! ESSA CANÇÃO É DE UMA AMIGA NOSSA, CHAMADA NATHÁLIA LIMA E SEI LÁ... “MILIANO” ATRÁS, A FERNANDA TINHA UM ESPETÁCULO CHAMADO “NINGUÉM CANTA PARA NINGUÉM” ONDE A FÊ PEGOU ALGUMAS COMPOSIÇÕES DO PESSOAL AQUI DE BRASÍLIA E FEZ UM ESPETÁCULO LINDÍSSIMO.

E ESSA MÚSICA ESTAVA NO ESPETÁCULO, ESSA MÚSICA ME ARREBATAVA, TODAS AS VEZES... TODAS AS VEZES... EU TOCAVA CUÍCA NESSA MÚSICA E CANTAVA ALI JUNTO COM A FERNANDA. E AÍ, EU SEMPRE ENCHIA O SACO DA NATH, A COMPOSITORA - “CARACA, NATH! GRAVA ESSA MÚSICA! PELO AMOR DE DEUS QUE MÚSICA LINDA E A NATH: “AI, AMIGA! EU NÃO SEI, EU NEM SINTO NADA. EU ACHO QUE ESSA MÚSICA É MUITO MAIS SUA DO QUE MINHA”

AÍ EU: “BELEZA!”

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

AÍ VOCÊ FALOU: “ENTÃO, TÁ BOM! VAMOS!”

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

AI EU SEMPRE FIQUEI AQUI COM ELA AQUI NO MEU CORAÇÃO E FALEI UM DIA SE EU DISSER A OPORTUNIDADE EU VOU GRAVÁ-LA E ESSE DIA CHEGOU. AI EU FALEI: “NATH, POR FAVOR! CHEGOU O MOMENTO! E SE VOCÊ NÃO SE IMPORTAR, EU GOSTARIA MUITO DE GRAVAR COM A FÊ, PORQUE A FÊ TAMBÉM TRAZ UMA COISA ASSIM NA VOZ, QUE É UMA COISA QUE...SEI LÁ... MUITO FORTE

A FÊ TAMBÉM ARREBATA, ENTÃO ASSIM COMO A MÚSICA ME ARREBATA, A FÊ TAMBÉM ME ARREBATA E EU FALAVA ASSIM: “NÃO, TEM QUE SER ESSE COMBO”

E ALÉM DE SER UMA PESSOA IMPORTANTE PARA MIM, IMPORTANTE PARA A MINHA HISTÓRIA, A FERNANDA JACOB EU SEMPRE FALO QUE SE HOJE EU ESTOU NO SAMBA, SE HOJE EU ESTOU SENTADA NUMA RODA DE SAMBA, TOCANDO PANDEIRO, É MUITO PORQUE A FERNANDA JACOB ME PUXOU PARA ESSE LUGAR, NÉ! FERNANDA JACOB SEMPRE: “BORA, ANE! SAMBA NA RUA! BORA, ANE! NÃO SEI O QUE, VAMOS!”

ENTÃO, EU PRECISAVA TER A PARTICIPAÇÃO DA FERNANDA EM ALGUMA CANÇÃO DESSE ÁLBUM E EU ACHO QUE A CANÇÃO PERFEITA, ERA ESSA!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

É MUITO PODEROSO! VOCÊS DUAS... E EU TIVE O PRIVILÉGIO DE VER VOCÊS CANTANDO AO VIVO NO SAMBA DO BURACO. FOI MUITO BONITO!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

“CARACAS!”

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

QUAL A SUA FAVORITA DO ÁLBUM?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

AI... EU GOSTO MUITO DE “VEM FOGO”, QUE É AQUELE “RASTAPEZÃO” DO FINAL. E EU GOSTO DE PÓLEN TAMBÉM. PÓLEN PARA MIM DÁ UMA

SINTETIZADA DO CONCEITO DO ÁLBUM MESMO, ESSE CONCEITO DE TRANSFORMAÇÃO, DE “EU VENCI A CASCA!”, EU GOSTO DE PÓLEN.

[MÚSICA “VEM FOGO”]

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

TEM UMA REFERÊNCIA MUITO GRANDE, INCLUSIVE PARA A CUÍCA NESSE PROJETO QUE É A JUREMA WERNECK. ELA É MÉDICA, ELA É ATIVISTA VOLTADA PARA CAUSAS ANTIRACISTAS, MAS ELA TAMBÉM TRABALHA COM OUTRAS TREZENTAS COISAS ASSIM. DOUTORA PELA UFRJ, DIRETORA-EXECUTIVA DA ANISTIA INTERNACIONAL DO BRASIL E AÍ, ENQUANTO EU ESTAVA SELECIONANDO ALGUNS TEXTOS - EU ESCOLHI A TESE DELA, QUE TEM O TÍTULO: “O SAMBA SEGUNDO AS IALODÊS - MULHERES NEGRAS E A CULTURA MIDIÁTICA” QUE É MUITO, MUITO BOM.

E AÍ, NESSA PESQUISA ELA FALA MUITO SOBRE A TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NESSE MUNDO EM QUE A GENTE VIVE E ELA FALA ASSIM: “NESSE MUNDO DE FORÇAS CONTRÁRIAS” POR ELE SER MARCADO PELA EXPERIÊNCIA DE VIOLÊNCIA E TAMBÉM DE EXCLUSÃO

E A JUREMA SEGUE UMA LINHA DE RACIOCÍNIO A PARTIR DE UMA PERGUNTA, ENTÃO: “QUAIS SERIAM ESSAS ESTRATÉGIAS PARA ESSE CAMPO PÚBLICO, PENSANDO NUMA FORMA DE COMBATER A ESSAS VIOLÊNCIAS DESCOMUNAL?” ELA USA MUITO ESSA PALAVRA

E AÍ, EU LEMBREI MUITO DESSA LINHA DE RACIOCÍNIO - FALANDO QUAIS SERIAM ESSAS ESTRATÉGIAS PARA A GENTE CONSEGUIR SOBREVIVER, PRA GENTE CONSEGUIR ESTAR PRESENTE, NESSES ESPAÇOS EM UMA ENTREVISTA SUA QUE VOCÊ FALAVA PRINCIPALMENTE SOBRE O ÁLBUM: “

E AÍ, VOCÊ FALA SOBRE ESSA QUESTÃO DE “SE TRANSFORMAR” ENQUANTO PESSOA MAS TAMBÉM TRANSFORMAR O LUGAR, O AMBIENTE EM QUE VOCÊ VIVE E FOI ATRAVÉS DA ARTE QUE VOCÊ FEZ TUDO ISSO, E AÍ QUE ARTE É CAPAZ DA TRANSFORMAÇÃO

E COMO QUE VOCÊ ENXERGA, ESSA QUESTÃO DO ESPAÇO EM QUE A GENTE ESTÁ HOJE, POR EXEMPLO, PRINCIPALMENTE DO CENÁRIO QUE A GENTE ESTÁ HOJE BRASÍLIA - E VOCÊ ENQUANTO LEVANDO A SUA CARREIRA ENQUANTO CANTORA, MAS TAMBÉM ENQUANTO ANNE CAROLINE VASCONCELOS, COMO VOCÊ ENXERGA?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIM! É... EU ACHO QUE A GENTE PRECISA... INFELIZMENTE A GENTE AINDA PRECISA SE FIRMAR MUITO ASSIM NOS LUGARES, SABE? EU SINTO MUITO ISSO NO SAMBA QUE AINDA É BASTANTE DOMINADO PELOS MENINOS, PELOS HOMENS. A GENTE SEMPRE PRECISA SE AFIRMAR MUITO NOS LUGARES, A GENTE PRECISA ESTAR BEM CONSCIENTE DE QUEM A GENTE É, DO QUE A GENTE É CAPAZ E POR QUE A GENTE ESTÁ ALI...

É... INFELIZMENTE A GENTE AINDA PRECISA FAZER ISSO COM OS PRÓPRIOS “BROTHERS” QUE ESTÃO AQUI DO SEU LADO, QUE TOCAM COM VOCÊ TODOS OS DIAS, SACA?

MAS É ISSO! EU ACHO QUE O PRIMEIRO PASSO, É VOCÊ ESTAR MUITO APROPRIADO DE SI, É VOCÊ PRECISA LEVAR ESSA PRESENÇA. A NOSSA PRESENÇA ELA É NÃO É SÓ ATÉ AQUI, SÓ ATÉ A NOSSA PELE, ENTÃO VOCÊ PRECISA ESTAR MUITO BEM APROPRIADO DESSA PRESENÇA E DE FATO DEIXAR BEM CLARO QUEM VOCÊ PARA AS PESSOAS. PORQUE SE NÃO ELAS VÃO TE TRATAR DA FORMA COMO ELAS ACHAM QUE PODEM TE TRATAR, COMO ELAS TE LEEM.

É... ENTÃO É ISSO, É TER ESSA CONSCIÊNCIA DE QUE VOCÊ ESTÁ EM UMA RODA DE SAMBA X, QUE ESTÁ BOMBANDO QUE TÁ LINDO, TIPO O BURACO DO TATU TÁ MASSA, NÉ! TODA SEMANA LOTADO, É PORQUE VOCÊ TEM UMA TRAJETÓRIA, E EU NÃO TÔ NEM AÍ SE O CARA TEM VINTE, TRINTA ANOS DE HISTÓRIA TAMBÉM. EU TAMBÉM TENHO A MINHA HISTÓRIA, E SE EU ESTOU AQUI É PORQUE EU TAMBÉM TENHO VALOR, EU TAMBÉM SEI FAZER, SACA?

ENTÃO, EU ACHO QUE O PRIMEIRO PASSO É ESSE! É VOCÊ ESTAR MUITO BEM APROPRIADO DE SI, E... DEIXAR BEM CLARO QUEM VOCÊ É, SABE? ACHO QUE É MAIS OU MENOS POR AÍ, ACHO QUE É ASSIM QUE EU CONSIGO FAZER O MEU TRABALHO BEM, ME SENTINDO A VONTADE, SABE?

ACHO QUE É MAIS OU MENOS ASSIM POR AÍ PRA MIM...

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

E FALANDO SOBRE TRANSFORMAÇÃO... FOI LÁ NO SAMBA DA TIA ZÉLIA QUE EU TIVE QUE CANTAR PELA PRIMEIRA VEZ... SIM.. PARA QUEM NÃO CONHECE EXISTE O BAR E RESTAURANTE DA TIA ZÉLIA QUE FICA LÁ NA VILA PLANALTO, AQUI EM BRASÍLIA - E SIMPLEMENTE TEM A MELHOR FEIJOADA DE TODAS! ACONSELHO VOCÊS IREM... E ALÉM DA FEIJOADA TEM ESSE SAMBA MARAVILHOSO TAMBÉM, QUE É PRODUZIDO PELA MEL E PELO MARCELO

E QUANDO EU CHEGUEI LÁ, EU FIQUEI ENCANTADA... EU FIQUEI MUITO ENCANTADA, PRINCIPALMENTE COM A SUA PRESENÇA, SABE? DENTRO DA RODA DE SAMBA, E EU QUERIA ENTENDER COMO QUE COMO QUE É A SUA RELAÇÃO COM ESSE GÊNERO MUSICAL E O QUE QUE ELE REPRESENTA PARA ANE ÊOKETU?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

CARA! A MINHA RELAÇÃO COM O SAMBA ELA VEM DESDE A CAPOEIRA, NÉ! A CAPOEIRA PUXA ESSE SAMBA DE RODA, O SAMBA DA BAHIA, O SAMBA ALI NA SUA FORMA MAIS GENUÍNA, NÉ! TAMBOR E PALMA DA MÃO E GOGÓ, ENTÃO O SAMBA PRA MIM ELE... ELE ME LEVA PARA ESSE LUGAR DO TERREIRO PARA ESSE LUGAR DA RAIZ, PARA ESSE LUGAR DA ANCESTRALIDADE.

O SAMBA PRA MIM É UMA TECNOLOGIA TIPO “SANKOFA”, NÉ! É VOCÊ OLHAR PARA TRÁS E LEMBRAR PARA OS SEUS ANCESTRAIS E VOCÊ SEGUIR ALÍ, COMO UM CARRO ABRE ALAS ASSIM EU JÁ VIAJO PARA O CARNAVAL ASSIM É INCRÍVEL

ENTÃO, O SAMBA ALÉM DESSE PODER TRANSFORMADOR QUE TEM, ESSE PODER POÉTICO, NÉ! DESSE PODER DE UNIDAR, DESSE PODER DEMOCRÁTICO, NÉ! O SAMBA ELE É ANCESTRAL - É VOCÊ CARREGAR MUITAS COISAS, MUITAS HISTÓRIAS, MUITAS MUITAS MULHERES, NÉ!

O SAMBA COMEÇA DENTRO DE UM TERREIRO COM UMA MULHER. FOI TIA CIATA... FOI TIA CIATA QUE POPULARIZOU O SAMBA, COM UMA MULHER MÃE DE SANTO, COM UMA MULHER PRETA, NÉ! ENTÃO TEM ESSA RESPONSABILIDADE DE CARREGAR ESSE LEGADO, NÉ! DE TIA CIATA TIPO ASSIM ENTÃO PARA MIM É MUITO IMPORTANTE SUBIR NUMA RODA DE SAMBA E S TOCAR UM PANDEIRO PORQUE EU SEI QUE EU TÔ REPRESENTANDO MUITAS MULHERES ANTES DE MIM E EU SEI QUE SÓ ESTOU ALÍ POR CONTA DELAS, SABE?

ENTÃO, O SAMBA PRA MIM REPRESENTA ISSO. REPRESENTA SEGUIR EM FRENTE, CARREGANDO ESSE LEGADO DE OUTRAS MULHERES QUE VIERAM ANTES E SEMPRE OLHANDO PARA TRÁS, SEMPRE MANTENDO ESSA BASE QUE SEGURA.

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E ALÉM DO SAMBA DA TIA ZÉLIA, NE! VOCÊ TAMBÉM TOCA NA “MISSA MAIS POPULAR DE BRASÍLIA”, O SAMBA DO BURACO DO TATU E SÃO ESSES LUGARES TAMBÉM QUE EU ENXERGO - O QUÃO A GENTE SE SENTE TÃO BEM, E QUE NEM VOCÊ FALOU - CARREGA MUITA IDENTIDADE, CARREGA MUITA ANCESTRALIDADE, VIDA, POTÊNCIA, E EU ENQUANTO PÚBLICO, EU FICO ASSIM... ME SENTINDO MUITO SEGURA E É UM ARREPIO TOTALMENTE DIFERENTE, SABE?

QUANDO O SAMBA COMEÇA E VOCÊS DÃO UM SHOW DEMAIS, É UMA SENSÇÃO SURREAL.

COMO QUE É PARA VOCÊ ESTAR LÁ EM CIMA? PORQUE PRA GENTE É UM ARREPIO TOTAL... MAS COMO QUE É PRA VOCÊ ESTAR LÁ EM CIMA, TOCANDO, DANÇANDO, CANTANDO COM A GALERA

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

CARA, PRA MIM É LINDO ASSIM! É INACREDITÁVEL! É UM MOMENTO MESMO QUE EU ME ENCONTRO COM A MINHA MISSÃO DE VIDA ASSIM, ENTÃO ÀS VEZES É TÃO PODEROSO QUE EU DESLIGO, EU NEM VEJO, EU NEM SIGO MAIS O MEU CORPO, EU TÔ ALI JUNTO COM VOCÊS, É UMA ENERGIA SÓ, UMA COISA QUE EXPANDE ASSIM, MAS TEM A RESPOSTA... A RESPOSTA DE VOCÊ, DE SABER QUE É UM TRABALHO TAMBÉM, NE! EU BUSCO MAIS FICAR ALI NA TROCA COM VOCÊS, NESSA TROCA...EU GOSTO MUITO DE COMPARTILHAR DE ESTAR MAIS PERTO... É... E DE IR MESMO... VAMOS EMBORA! ENTÃO PRA MIM MESMO É VIBE DA TROCA, DA ENERGIA, DO OLHAR.

EU GOSTO MUITO DO LANCE DE OLHAR PARA AS PESSOAS. ÀS VEZES EU VOU LÁ NA FRENTE, SABE? E... AH... ENTÃO PRA É ISSO... ÀS VEZES EU NEM SINTO - QUANDO EU VEJO, JÁ FOI, SACA? JÁ PASSOU MAS É MUITO LINDO!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E COMO VOCÊ ENXERGA A IMPORTÂNCIA DESSES LUGARES: SAMBA DA TIA ZÉLIA, BURACO DO TATU... EEEEEEE... FERNANDA MESMO ONTEM TAVA NO 7 NA RODA. COMO QUE VOCÊ ENXERGA ESSA IMPORTÂNCIA DESSES ESPAÇOS, PRINCIPALMENTE AQUI PARA BRASÍLIA?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

CARA, EU ACHO INCRÍVEL! ACHO MUITO IMPORTANTE, ACHO MUITO LINDO QUE BRASÍLIA TEM SAMBA TODO DIA. BRASÍLIA TEM SAMBA TODO DIA, ÀS VEZES EU FICO DE CARA “GENTE, ESSE POVO NÃO CANSA, NÃO?”

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

NÃOOOOO...

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

TUDO DIA TEM SAMBA ASSIM! EU ACHO INCRÍVEL , EU ACHO MARAVILHOSO, EU ACHO IMPORTANTÍSSIMO, EU ACHO QUE BRASÍLIA É... CONCENTRA MESMO ESSA MISTURA DE BRASIL, NÉ! BRASÍLIA É ESSA ENCRUZILHADA IMENSA E AQUI A GENTE TEM DE TUDO. NÃO SÓ SAMBA, NÉ! A GENTE ENCONTRA MARACATU, A GENTE ENCONTRA FORRÓ, A GENTE ENCONTRA CHORO E TUDO DE UMA QUALIDADE EXCELENTE ASSIM, É TUDO PONTA DE LINHA ASSIM - OS MÚSICOS SÃO MUITO BEM ESTUDADOS, SÃO MUITO BEM... SE APROFUNDAM NO QUE FAZEM... SÃO MUITO DEDICADOS, SABE? AO QUE FAZEM... MAS O SAMBA DE FATO, EU ACHO QUE ELE TOMA MAIS ESSES ESPAÇOS PORQUE ELE É UMA COISA MAIS DEMOCRÁTICA MESMO, ELE MISTURA OS POVOS, ELE TRAZ ESSA COISA DE ESTAR EM CASA, DE ESTAR NO QUINTAL, DE ESTAR À VONTADE...

ENTÃO , EU ACHO QUE É POR ISSO QUE SE ESPALHA MESMO QUE A GALERA QUER TODO DIA E EU ACHO IMPORTANTE DEMAIS PORQUE... ISSO SÓ FORTALECE A NOSSA CENA, ENRIQUECE A NOSSA CENA AQUI.

EU ACHO QUE BRASÍLIA POR SER UMA CIDADE MUITO NOVA, CERCADA DE UM BRASIL CENTENÁRIO... SEI LÁ... A NOSSA GERAÇÃO AQUI AGORA, A GERAÇÃO AGORA DE ARTISTAS TEM ESSA “RESPONSA” DE CRIAR ESSA IDENTIDADE CULTURAL DA CIDADE, DE CRIAR AS TRADIÇÕES, DE CRIAR OS PONTOS DE ENCONTRO.

ENTÃO ESSES SAMBAS JÁ FAZEM ESSE TRABALHO! JÁ ESTÃO CONSTRUINDO ESSA CENA, ESSAS TRADIÇÕES DE CRIAR OS PONTOS DE ENCONTRO - ENTÃO, ESSES SAMBAS JÁ FAZEM ESSE TRABALHO, ELES JÁ ESTÃO CONSTRUINDO ESSAS CENAS, ESSAS TRADIÇÕES.

TEM O BURACO DO TATU, TEM O CHORO NO EIXO - QUE É INCRÍVEL! CARA, UM CHORINHO ALI NO EIXO “PÔ, BOM DEMAIS!”

ENTÃO, ESSES EVENTOS TÊM CUMPRIDO COM ESSA MISSÃO ASSIM - TÃO COMPRINDO ESSA MISSÃO DE CRIAR UMA IDENTIDADE CULTURAL, DE CRIAR ESSE CENÁRIO NA CIDADE.

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E COMO VOCÊ VÊ O CENÁRIO DA MULHER SAMBISTA NO DISTRITO FEDERAL?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

ENTÃO... É... AS MULHERES ELAS CONSEGUEM FAZER O “CORRE” DELAS AQUI MAS É ISSO, A GENTE AINDA PRECISA... É... SE AFIRMAR MUITO NOS ESPAÇOS AINDA, NÉ! MAS A GENTE SÓ CONSEGUE FAZER PORQUE A GENTE VAI LÁ E FAZ, A GENTE NÃO TEM O MÉRITO DOS “BOYS” NÃO, SABE? NÃO TEM!

A GENTE VAI LÁ E FAZ! ANTIGAMENTE, TINHA UM PROJETO AQUI EM BRASÍLIA QUE SE CHAMAVA MULHERES DE SAMBA, QUE ERA UMA RODA GIGANTE, COM MAIS DE SEI LÁ... MAIS DE CINQUENTA MULHERES... LOTAVA! LOTAVA O CALAF, LOTAVA ONDE IA, SABE? E A PARTIR DESSES PROJETOS, DESSAS BANDAS, FORAM AÍ, O PRÓPRIO SAMBA NA RUA - COM FERNANDA JACOB E ANA CAROLINA BOQUADI, QUE PRODUZIAM E FOMENTAVAM ALI, O SAMBA NA RUA, COMEÇOU DE GRAÇA, ERA DE GRAÇA NA VILA TELEBRASÍLIA, SABE? E ERA GENTE QUE FAZIA MESMO!

É ISSO! NÃO TINHA MÉRITO DOS “BOY”

ERA A GENTE QUE TOMAVA A FRENTE, QUE FAZIA, QUE ACONTECIA E DAÍ SURTIU ESSAS ESTRELAS, DAÍ QUE SURTIU ESSAS ESTRELAS: FERNANDA JACOB, A CAROLZINHA NOGUEIRA MARAVILHOSA, SABE?

ENTÃO A GENTE FOI CRESCENDO E OS “BOY” FORAM DANDO CONTA DE QUE ERA IMPORTANTE TER A PRESENÇA FEMININA, “BLABLABLA” E TUDO MAIS E NÓS FOMOS TOMANDO ESSE LUGARES ASSIM, SABE?

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E FALANDO SOBRE ESSA PRESENÇA FEMININA... VOCÊ NO BURACO TOCA COM OUTRAS MULHERES TAMBÉM E COMO QUE VOCÊ ENXERGA, ESSA IMPORTÂNCIA MESMO DO RECONHECIMENTO, E DAS PRÓPRIAS INSPIRAÇÕES

DE OUTRAS MULHERES PRESENTES NA RODA DE SAMBA, ESSE SENTIMENTO DE TOCAR JUNTO COM A GALERA.

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

NOSSA, É BOM DEMAIS... CARA! É BOM DEMAIS! DE FATO A GENTE SE SENTE MUITO MAIS A VONTADE ASSIM, SABE? E FORA QUE A GENTE SABE QUE ALI NA PLATEIA TEM UMA MINA OLHANDO E SE INSPIRANDO TAMBÉM NISSO, SABE? E DALI ELA VAI BUSCAR ESTUDAR ALGUM INSTRUMENTO, E SABER QUE ELA TEM UM ESPAÇO... ELA VAI TER ALGUM ESPAÇO, SABE? PORQUE ELA VAI... ELA TEM ESSA REFERÊNCIA EM ALGUM LUGAR, SABE? ENTÃO É MUITO IMPORTANTE

E É MUITO BOM VOCÊ OLHAR PARA O LADO E TER AS SUAS MANAS, TER AS SUAS IRMÃS, TER AS SUAS AMIGAS, ATÉ PARA VOCÊ TROCAR UMA IDEIA, ALI NO CAMARIM, ATÉ PARA VOCÊ... ENFIM

FICA MUITO MAIS SUAVE, FICA MUITO MAIS CONFORTÁVEL

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

FICA MUITO MAIS CONFORTÁVEL, NÉ! DE DIVIDIR ESSES ESPAÇOS

E QUEM SÃO ESSAS INSPIRAÇÕES, ESSAS FIGURAS FEMININAS NO SAMBA QUE VOCÊ CARREGA?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

CARA, AS MINHAS PRÓPRIAS AMIGAS! PRIMEIRAMENTE ELAS! ASSIM COMO EU FALEI, ELAS QUE ME DERAM ESSA BASE MUITO FORTE. A FERNANDA JACOB TALVEZ SEJA A PRIMEIRA, EU ADMIRO MUITO TRABALHO DA FERNANDA, A VOZ, E A PESSOA, NÉ! TUDO QUE ELA REPRESENTA, TUDO QUE ELA TRAZ QUANDO ELA SOBE NO PALCO.

OUTRAS IRMÃS MARAVILHOSAS, A YARA ALVARENGA QUE É A MINHA PARCEIRA LÁ NO BURACO DO TATU. A YARA TEM UMA PRESENÇA TAMBÉM MUITO FIRME,

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

SIM! NA HORA QUE ELA SOBE DA CADEIRA...

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

EEEEEE... É “ESCULACHO PRA TUDO QUANTO É LADO!”

ENTÃO A YARA ME ENSINA MUITO, MUITO...MUITO... PORQUE É ISSO! ÀS VEZES... E A YARA TAMBÉM JÁ ESTÁ A MUITO TEMPO NESSA CAMINHADA, ENTÃO O QUE EU ESTOU VENDENDO AGORA, ELA JÁ VIU MIL VEZES - E ELA ME DÁ ESSE SUPORTE ASSIM , É UMA IRMÃ MESMO DE MUITA VIDA, DE MUITO TEMPO E ACREDITO QUE DE OUTRAS VIDAS ASSIM... MAS FERNANDA JACOB, YARA ALVARENGA, INCLUSIVE NÓS TRÊS ÉRAMOS ALI DO SAMBA NA RUA. COMEÇAMOS ALI NO SAMBA NA RUA.

A PRÓPRIA LENE BLACK TAMBÉM QUE CHEGOU AGORA, QUE TOCA LÁ NO BURACO DO TATU TAMBÉM, É UMA PRESENÇA QUE...CARA... É UMA PRESENÇA QUE DIVIDE QUE COMPARTILHA, É MUITO BOM TER ESSAS ESSAS EXPERIÊNCIAS E ACHO QUE LARISSA UMATÁ É UMA GRANDE REFERÊNCIA PRA MIM QUANTO ARTISTA, QUANTO PERCUSSIONISTA, QUANTO MUSICISTAS.

É ISSO! MINHAS AMIGAS SÃO MINHAS GRANDES REFERÊNCIAS!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E PENSANDO NESSA QUESTÃO DE MULHERES, CADA VEZ MAIS A GENTE VÊ MULHERES COMpositoras, escrevendo e como a gente tinha falado no início fazendo o próprio “ROLÊ”.

COMO QUE VOCÊ ENXERGA ESSA IMPORTÂNCIA, PRINCIPALMENTE DO LADO DA COMPOSIÇÃO, NÃO SÓ CANTANDO MAS TAMBÉM ESCRIVENDO?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

EU ACHO QUE ISSO NÃO É UMA COISA... A GENTE ESTÁ VENDENDO AGORA PORQUE É ISSO, NÉ! AS MULHERES, ACHO QUE TOMARAM ESSA RÉDEA, A

GENTE COMEÇOU A SE CAPACITAR PARA NÃO DEPENDER, PARA NÃO COLOCAR NOSSO TRABALHO NAS MÃOS DE OUTROS, DE OUTRA PESSOA, DE UM “BOY”, NÉ! QUE É O QUE GERALMENTE ACONTECE.

ENTÃO A GENTE COMEÇOU A... PELO MENOS, EU ASSIM... COMECEI A ME CAPACITAR PARA FAZER ISSO, PRA TER ESSE GOSTO DE PRODUZIR AS MINHAS COISAS, NÉ! E... PARA CONSTRUIR O MEU PRÓPRIO CAMPO SEGURO PARA MOSTRAR AS MINHAS COISAS ASSIM, SABE?

SABER COM QUEM EU QUERO TRABALHAR, TRAZER PESSOAS QUE EU SEI QUE TEM A VER, QUE SE SINTONIZAM ASSIM

EU ACHO QUE A GENTE TOMOU ESSA... A GENTE SE APROPRIOU MESMO DESSE PODER ASSIM E FOMOS NOS ESPELHANDO UMAS NAS OUTRAS

CARA! VI LETÍCIA FIALHO LANÇAR UM CD INCRÍVEL, MINHA PARCEIRA DE TRABALHO, ENTÃO É POSSÍVEL CARA! VAMOS LÁ! VAMOS FAZER, SACA? VAMOS CONSTRUIR! E ENTÃO A GENTE COMEÇA A SE APROPRIAR DESSAS CIÊNCIAS, DESSAS COISAS PRA GENTE NÃO TER QUE COLOCAR AS NOSSAS COISAS NAS MÃOS DE OUTRAS PESSOAS.

É MUITO COMUM A GENTE VER AI NO MERCADO, CANTORAS QUE QUE TEM SEI LÁ... TRINTA ANOS DE CARREIRA E NUNCA SE PRODUZIRAM, NÉ! NUNCA FIZERAM... SEI LÁ... O ARRANJO DE SUAS PRÓPRIAS MÚSICAS... SEMPRE TEM ALGUÉM ALI DA GRAVADORA QUE FAÇA. ESSES DIAS, POR EXEMPLO, EU VI A PITY... CANTORA PITY NUMA PRODUÇÃO DE UM DISCO DELA AI AGORA. RECENTEMENTE QUE FOI O PRIMEIRO DISCO DELA QUE ELA SE METEU ALI NA PRODUÇÃO PORQUE É ISSO - SEMPRE TEM QUE DAR PARA UM “BOY”

ENTÃO EU ACHO QUE A GENTE PEGOU ISSO PRA SE CAPACITAR MESMO E PRA TER QUEM FAÇA, PARA TER “OS NOSSOS QUE FAÇAM”, SABE? ENFIM, E É MUITO IMPORTANTE TER ESSAS MULHERES CAPACITADAS! QUANTO MAIS, MELHOR! ENFIM, PARA SE SOMAREM, PARA CONSTRUÍREM JUNTAS, PARA ADQUIRIREM CONHECIMENTOS JUNTAS E TUDO MAIS. ACHO QUE É POR AI!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

E ALÉM DE VOCÊ COMPOR, PRODUZIR, E CANTAR - VOCÊ TEM ALGUM SONHO QUE VOCÊ NÃO REALIZOU AINDA?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

AI... DEIXA EU VER! ENTÃO, EU ACHO QUE AGORA, O QUE EU GOSTARIA DE FAZER COM ESSE TRABALHO É MESMO CIRCULAR, NÉ... COM ELE! ACHO QUE O PRÓXIMO PASSO UM SONHO SEJA MESMO CIRCULAR, PARTICIPAR DE FESTIVAIS - LEVAR DE DE REPENTE PARA FORA DE BRASÍLIA, FAZER ALGUNS LINKS EM OUTRAS CIDADES. TROCAR COM OUTROS ARTISTAS, EU ACHO QUE EU GOSTARIA MUITO DE CRIAR ESSA REDE TAMBÉM FORA, NÉ DE BRASÍLIA - ACHO QUE AGORA É ISSO, MEU DESEJO É ESSE! TRABALHAR COM ESSE ÁLBUM E TRABALHAR POR AÍ, NÉ! FESTIVAL...

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

A GENTE JÁ PODE SONHAR COM UMA TURNÊ? EU JÁ PASSEI PELO FOGO... O FÃ CLUBE DE ANE ÊOKETU ESTARÁ PRESENTE EM TODAS AS CIDADES

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

AI... EU GOSTARIA QUE ACONTECESSE! VAMOS VER, NÉ! EU VOU TRABALHAR BASTANTE PRA ISSO.

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

TOMARA... TOMARA!

E PENSANDO NOS SAMBAS ASSIM, QUAL DELES... UMA MÚSICA QUE SE VOCÊ PUDESSE ESCOLHER, QUAL QUE TE REPRESENTA MAIS?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

HUUUUUUM... NOSSA EU SOU MUITO FÃ DE UM COMPOSITOR CHAMADO ROQUE FERREIRA E ELE TEM UMA MÚSICA... CARACAS, EU NÃO VOU LEMBRAR O NOME DA MÚSICA AGORA... MEU DEUS... EU ESQUECI A MÚSICA

ESQUECI O NOME DA MÚSICA MAS EU LEMBRO DA MÚSICA - ELA FOI GRAVADA PELA MARIENE DE CASTRO. POSSO CANTAR UM PEDAÇO?

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

CLARO!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

SIM, SOU FRANCA EM DIZER
 SE A RODA É DE SAMBA
 SE A RODA É DE BAMBA
 NÃO SEI ME CONTER
 ME EMBALO NO DENGU DOS BALANGANDÃS
 DA MOÇA QUE GINGA AO SOM DOS TANTÃS
 SÓ VOLTO PRA CASA
 QUANDO AMANHECER
 VENHO DAS NOITES DE FESTA
 DO SOM DA CORIMBA LÁ DO TERREIRA
 SOU HERDEIRA DIRETO
 DA LINHA DE UMBANDA
 SOU BANTO E SENHOR NO QUILOMBO GERAL
 APRENDI NA SENZALA A TRISTEZA DA RIMA
 DO CHICOTE QUE ESTALA E REDUZ À RUÍNA
 VI FLUIR A MALDADE NO PESO DA ARGOLA
 CHOREI A LIBERDADE QUE ESTAVA EM ANGOLA
 É POR ISSO QUE O SAMBA ME BOLE NO PEITO
 É POR ISSO QUE A NOITE ME FAZ TÃO FELIZ
 É A FORÇA QUE VEM DA RAIZ

“É A FORÇA QUE VEM DA RAIZ” É O NOME DESSA MÚSICA

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

PERFEITA... PERFEITA!

QUAL SAMBA QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE CANTAR?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

DE CANTAR... POXA, EU GOSTO MUITO DE CANTAR OXOSSÍ - QUE TAMBÉM É DO ROQUE FERREIRA!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

ESSA É POTENTE, VIU! JÁ VI ALGUMAS VEZES AO VIVO - MUITO... MUITO BONITO!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

EU GOSTO DE CANTAR OXOSSÍ, EU GOSTO DE CANTAR QUIXABEIRA TAMBÉM QUE É UMA MÚSICA DO CARLINHOS BROWN, NE! E ACHO QUE ESSAS SÃO AS MINHAS PREFERIDAS NO MOMENTO!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E SE PUDESSE... PARA ANE ÊOKETU... EM APENAS UMA PALAVRA DESCREVER O SAMBA EM APENAS UMA PALAVRA, QUAL PALAVRA SERIA?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

EM APENAS UMA PALAVRA... EU ACHO QUE O SAMBA... EU DESCREVERIA... POXA UMA PALAVRA É DIFÍCIL

MAS ACHO QUE “ALMA”... NUM SEI - “ALMA”!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E SE PUDESSE MONTAR A SUA RODA DE SAMBA PERFEITA, COM QUALQUER ARTISTA, QUEM VOCÊ ESCOLHERIA?

NÃO PRECISA SER SÓ UM! PODE SER MAIS...

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

PODE SER MAIS... DEIXAR EU VER...

ZECA PAGODINHO! VOU COMEÇAR BEM HUMILDE

ZECA PAGODINHO PARA DAR AQUELA ANIMADA

JACOB COM CERTEZA! YARA COM CERTEZA! EEEEE... QUEM MAIS, DEIXA EU VER - POXA VIDA, DEIXA EU VER!

AH NÃO SEI - PODE SER ESSES POR ENQUANTO?

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

ZECA PAGODINHO E FERNANDA JACOB, PERFEITO!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

MARIA BETHÂNIA TAMBÉM! QUE TAL?

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

JÁ QUERO INGRESSO!

SERIA SÁBADO OU DOMINGO?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

“DOMINGÃO!”

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

COM FEIJOADA OU SEM?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

COM FEIJOADA!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

CERVEJA A?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

CERVEJA...

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

UM REAL!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

DOIS E CINQUENTA! TEM QUE AJUDAR ALI A GALERA QUE VENDE! VAMOS LÁ!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

E ONDE SERIA ESSA RODA DE SAMBA PERFEITA DE ANE ÊOKETU?

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

LÁ NA MINHA LAJE! EM SÃO SEBASTIÃO!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

TUUUDO! EU JÁ QUERO ESSE INGRESSO!

DEPOIS QUE VOCÊ FIZER A TURNÊ “EU JÁ PASSEI PELO FOGO” E FIZER A SUA RODA DE SAMBA PERFEITA, ESTAMOS ACEITANDO CONVITES.

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

“SAMBA NA LAJE! ALÔ, MORRO AZUL!”

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

ANE, MUITÍSSIMO OBRIGADA! CHEGAMOS AO FIM DESTA ENTREVISTA. FOI MUITO IMPORTANTE DIVIDIR ESSE ESPAÇO COM VOCÊ.

E VOCÊ É UMA INSPIRAÇÃO PARA A CUÍCA, PARA A CRIAÇÃO DESSE PROJETO.

ENTÃO, MUITÍSSIMO... MUITÍSSIMO OBRIGADA!

E DIGA PRA GENTE POR ONDE TE ENCONTRAMOS, SUAS REDES SOCIAIS, PROJETOS, ONDE VOCÊ VAI ESTAR, PRA GENTE PODER OLHAR TUDO!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

EBA! BOM... ANTES DE TUDO EU GOSTARIA DE AGRADECER TAMBÉM
DEMAIS! MUITO IMPORTANTE PRA MIM. EU SEMPRE FICO NERVOSA EM
ENTREVISTA GENTE MAS DEU TUDO CERTO!

OBRIGADA DEMAIS! SUCESSO! VIDA LONGA A CUÍCA!

EU SOU ANE ÊOKETU, EU ESTOU NAS REDES SOCIAIS COMO @ANE.EOKETU,
TÁ BOM? E - O - K - E - T - U, KETU!

E... TÔ SEMPRE NAS RODAS DE SAMBA. ESSE FINAL DE SEMANA, VOU ESTAR
LÁ NO SAMBA DA TIA ZÉLIA, INCLUSIVE NO SÁBADO! E NO DOMINGO, NO
SAMBA DO BURACO DO TATU! E ESPERO ESTAR AI NOS FESTIVAIS, NAS
TURNÊS! MAS DIA 2 DE JULHO AGORA, EU VOU ESTAR NO FESTIVAL “MUNDO
SONHO” NO GUARÁ E A GENTE SE ENCONTRA POR LÁ!

[MARIA LUÍSA DIAS, APRESENTADORA]

MUITÍSSIMO OBRIGADA!

[ANE ÊOKETU, CONVIDADA]

OBRIGADA, VOCÊ! ATÉ MAIS!

**[SONORA - SAMBA DO BURACO DO TATU, PESSOAS CANTANDO A MÚSICA
“SORRISO ABERTO”]**

[FICHA TÉCNICA]

Ficha Técnica

Este *podcast* é um produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de
Brasília como requisito para a obtenção do diploma de Comunicação, com habilitação em
Comunicação Organizacional.

Produção, roteiro e apresentação: Maria Luísa Dias

Edição e montagem: Maria Luísa Dias

Apoio técnico: Glauber Oliveira e André Araújo

Identidade Visual: Ana Laura Barros, Clarissa Germano e Maria Luísa Dias

Orientação: Gisele Pimenta

Apoio: Laboratório de Áudio da Universidade de Brasília